

ILUSTRAÇÃO

N.º 227 — 10.º ano





O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O meu menino

Como o hei-de gerar.
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs.,
ilustrado,
encadernado, 17\$00;
brochado, 12\$00

Pedidos à


S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

As edições da Livraria
Bertrand encontram-se
à venda na Minerva
Central, Rua Consiglieri
Pedroso - Caixa Postal 212
Lourenço Marques

USE O CREME

Rainha da Suécia

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

M. CAMPOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

A última novidade literária

A L E M A N H A ENSANGÜENTADA

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 312 págs., com capa ilustrada
do pintor Roberto, broch. 12\$00

Um livro destinado a um grande sucesso, pois ao nome glorioso do brilhante escritor português se alia o tema, sempre interessante da Grande Guerra. A vida alemã. — Berlim. — Da guerra para a paz, soberbamente descrita por

•• AQUILINO RIBEIRO ••

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	64\$20	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

J. M. FERREIRA DO AMARAL

O paraíso bolchevista e... a mentira

UMA VIAGEM À RUSSIA

Os operários soviéticos — O trabalho da mulher na Rússia — As ruas e o seu movimento — O aspecto exterior das casas na cidade — O custo da vida — Habitações económicas — O vestuário — A propaganda soviética — Creches — Maternidade — A educação colectiva.

1 volume de 230 páginas, brochado..... Esc. 10\$00
Pelo correio à cobrança 11\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA



A dor envelhece

O dinamismo dum a juventude sã, forte e inteligente, é uma das características mais simpáticas da nossa época. Os inimigos desta juventude são a doença e a dor. Nem o homem mais forte lhes resiste sem que no seu semblante se vinquem profundas rugas que desfeiam e envelhecem. Mas há um remédio — um remédio maravilhoso: CAFIASPIRINA! Um ou dois comprimidos firam, como por encanto, as dores nevralgias, de dentes ou de cabeça.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado	10\$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado.....	10\$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado...	12\$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado	14\$00
ESPAÑA — Nova edição.....	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado.....	12\$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado	12\$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3\$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado.....	12\$00
SENHORA DO AMPARO — 292 págs., brochado.....	12\$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — Índice: Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones," A Alcáçova da Saúde — As "Sabatinas," na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco," — En "San Juan de los Reys," — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Tрева! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado.....	10\$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado	12\$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado.....	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado.....	5\$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado..	12\$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado.....	12\$00
FILHAS DE BABILÓNIA Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado	12\$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch.	12\$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti- mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado	12\$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado.....	12\$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado	12\$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado...	12\$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado	10\$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado.....	12\$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado	12\$00
ROMANCE DA RAPOSA, 2. ^a edição muito remodelada, com ilustrações de Benjamin Rabier, 1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres.....	15\$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 312 págs., broc.	12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

A arte da guerra — A Alemanha — Deutschland uber alles — A ideia da força —
A arte alemã — A Germania aventureira — Cidades flutuantes — Guerra em tempo
de paz — A invasão da Inglaterra — Jellicoe — A arte e a guerra — A espiona-
gem alemã — No coração da guerra — Soldados de Portugal — A caminho do
«front» — No «front» — Na «trincha», etc.

1 vol. de 220 págs., broc. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura por-
tuguesa, por Aubrey F. G. Bell (tra-
dução), br.

3\$00

**Comentário leve da Grande
Guerra:**

I — Europa em guerra (esgotado).

II — O Homem, lobo do Homem — 304 págs.,
br.....

10\$00

III — Portugal em Campanha — 299 págs., br.

10\$00

IV — Latinos e Germanos — 319 págs., br.....

10\$00

V — A Carranca da Paz — 316 págs., br.

10\$00

Ensaio sobre educação:

I — Educação e Ensino — 317 págs., br.....

10\$00

II — Casa de Pais, Escola de Filhos — 248 pá-
ginas, br.....

10\$00

III — Educar, na Família, na Escola e na Vida
— 352 págs., br.....

10\$00

IV — A mãe de todos os vícios — 293 págs., br.

10\$00

Homem (O), a ladeira e o calhau. —
br.....

10\$00

Jardim da Europa. — br.....

10\$00

Ler e tresler. — br.....

10\$00

Lição moral e cívica, dada perante os alu-
nos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro ani-
versário do assassinio do Presidente Sidónio
Pais

3\$00

O pintor Carlos Reis. — 1 fol. formato
grande

4\$00

**Três prosas (As) — A pobre, a rica
e a nova rica.** — 64 págs., br.

3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados :

- Afonso Lopes Vieira**, um volume.
- Alexandre Herculano**, um volume.
- Antero de Figueiredo**, um volume.
- Augusto Gil**, 1 volume.
- Camões lírico**, 1.^o, 2.^o, 3.^o e 4.^o volumes.
- Eça de Queirós**, dois volumes.
- Fernão Lopes**, três volumes.
- Frei Luís de Sousa**, um volume.
- Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume.
- João de Barros**, um volume.
- Lucena**, dois volumes.
- Manuel Bernardes**, dois volumes.
- Paladinos da linguagem**, três volumes.
- Trancoso**, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.^o volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

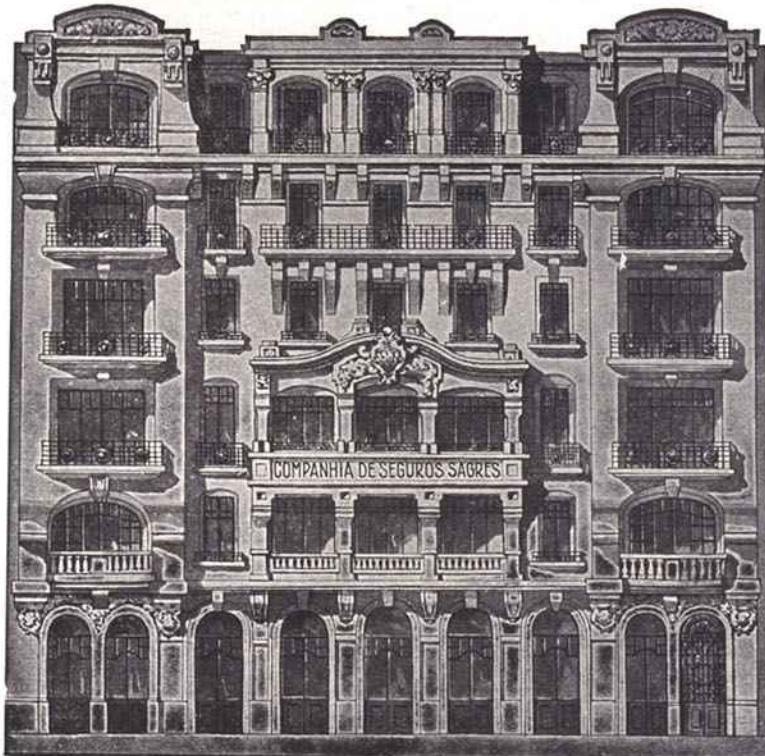
1 vol. de 332 págs., no formato de 26×18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. **15\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

PERCEBEU MUITO TARDE...



Passado o primeiro sobresalto, percebeu... mas muito tarde, porque foi desprezada. A tez maravilhosa, a pele tão branca da sua rival foram disso a única causa.

É um processo de rejuvenescimento realmente milagroso que foi colocado ao alcance de todas as mulheres, pelo Prof. Dr. Steiskal da Faculdade de Medicina de Viena d'Austria, pela sua recente descoberta do Biocel. Ele demonstrou que a «pele pode comer» e que alimentando-a com este potente alimento dos tecidos — o Biocel obtido de animais novos, este sábio clínico permitiu a rostos de 50 a 72 anos de idade desembaraçarem-se das rugas profundas, de esticar novamente a pe-

le, torná-la mais rija, de conseguir em suma, um novo aspecto de juventude que se conserva (ver o relatório no jornal Médico de Viena).

Os direitos exclusivos de utilização do Biocel foram adquiridos por Tokalon. Use o novo Creme Tokalon (côr de rosa). Alimento para a pele em leves magens, todas as noites antes do deitar (como vem explicado), ele alimentará e rejuvenescerá a pele durante o sono. De manhã use o Creme Tokalon (côr branca) não gorduroso que suprime os poros dilatados, os pontos negros, branqueando deliciosamente a pele de 3 tons, em 3 dias, tornando-a fresca e aveludada.

Encontra-se à venda nas perfumarias e boas lojas da especialidade. Não encontrando dirija-se ao Depósito Tokalon de Lisboa (Secção I. L.) 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

Revelação do Segredo da Influência Pessoal

Método simples para desenvolvimento do magnetismo, da memória e da força de vontade. Um livro de 80 páginas descrevendo detalhadamente este método único, um diagrama de auto-análise assim como um estudo do carácter, são enviados gratuitamente a quem escrever imediatamente.

«A maravilhosa força da Influência Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Domínio do Espírito, denominem-na como quiserem, pode ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que se sejam os seus atractivos pessoais ou por pequeno que tenha sido o seu sucesso na vida», diz o Sr. Elmer E. Knowles, autor do livro intitulado «A Chave do Desenvolvimento das Forças Interiores». Este livro revela factos tão numerosos como extraordinários referentes às práticas dos Yogis da Índia, e expõe um sistema único no seu género para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal das Forças Hipnóticas e Telepáticas, da Memória, da Concentração e da Força de Vontade por meio da maravilhosa ciência da Sugestão.



D. C. Houlding

O Sr. D. C. Houlding escreve: «A vossa inspiração fez de mim um novo homem, o meu poder de concentração e o domínio de mim mesmo tendo-se melhorado extraordinariamente. Destes-me a confiança em mim próprio e tendes-me permitido exercer uma notável influência sobre os outros. Desde pouco, os meus sucessos têm sido tão remarcáveis como foram antes os meus insucessos». Este livro espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproduções fotográficas, demonstrando como estas forças invisíveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cuja posse estavam longe de supor. A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande Instituição de Bruxelas e um exemplar será remetido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

Quem escrever imediatamente receberá, além do livro gratuito, um exemplar do diagrama de auto-análise do Prof. Knowles, assim como um estudo detalhado do carácter. Copie simplesmente, com o seu próprio punho, as seguintes linhas:

«Quero o poder do espírito,
A força e o poder no meu olhar,
Queira ler o meu carácter
E mandar-me o seu livro».

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo (indicando Senhor ou Senhora) e dirija a sua carta à PSYCHOLOGY FOUNDATION, S. A. Distribuição gratuita (Dept. 6045-B.), Rua de Londres, n.º 18, Bruxelas, Bélgica. Se quiser pode juntar à sua carta Esc. 2 70 em selos de correio do seu país, para despesa com franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o selo suficiente. A franquia para a Bélgica é de Esc. 1,75.

N. B. — A Psychology Foundation é uma casa editora desde muitos anos. Pela distribuição dos seus úteis livros e brochuras tratando de questões psicológicas e mentais, ela conseguiu arranjar inumeráveis amigos. Mais de 40 professores universitários contribuíram nas suas edições e todos os trabalhos, pelos quais um preço é fixado, são vendidos com a garantia de satisfação ou reembolso.



Não queira matar mosquitos com insecticidas inferiores

O ferrão do mosquito pode transmitir febres terríveis, — o bastante para causar a morte dum criança ou dum adulto. Este é o risco que se corre empregando insecticidas de fraco poder na destruição dos mosquitos, — é ineficácia dos quais os germens das doenças escapam impunemente.

Por medida de precaução, certifique-se de que é realmente FLIT que lhe dão. FLIT destroi de facto os insectos, matando-os.

FLIT pulverizado não mancha.

Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta, selada, para sua garantia contra as imitações.



PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
NOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

PASSOU alguns dias em Lisboa o escritor Afrânio Peixoto que vinha com a fama de estrangeiro e não houve maneira de distingui-lo de um português da qualidade mais excelente.

Já se sabia que a escrever se exprimia como os melhores da língua que usa; notou-se que a falar, a sentir, a conhecer o passado e o presente, bem como a estabelecer a sua identificação no tempo e na raça, entende e se pronuncia como os nascidos no Minho, na Beira, ou na Ribeira do Tejo.

Daí a repugnância em considera-lo estranho, ou por qualquer modo separado da comunidade que adota na linguagem íntima as palavras mãe, amor, menino, saudade. Tem por força de contar-se como português quem pensa, e se exprime com aqueles vocábulos, também considerados substância de que é feita a nossa alma. Fiquemos então em que se Afrânio Peixoto não é um português de Portugal, será um português do universo, assim criado pelo verbo, ou elemento estrutural da personalidade. O incidente de política metido entre os que dele se servem, nascidos na América ou na Europa não basta para separar o essencial que é o espírito, formado e sustentado por aquele princípio; estão todos em corpo uno, indissolúvel contra o qual não prevalece a quimera dissociativa, na hora aziaga concebida. Língua comum, história comum constituem o fundamento de uma correspondência eterna, entre os nados e criados pela Costa Atlântica quer nas margens de Portugal, Madeira, Açores, quer no Brasil, Cabo Verde, Angola, Guiné, S. Tomé.

No vasto circuito que as mesmas ondas molham todos pronunciam mãisinha e amor; não precisamos de mais para crer na imensidade e perpetuidade do destino que aguarda o extenso grupo humano aí fixado.

Eis também o motivo que nos impõe como sincera, e tirada do fundo da consciência, a afirmativa de Afrânio Peixoto quando declara sentir-se português ao entrar em Portugal. É o seu grito de alma espontâneo como homem inteligente e culto, e como artista de sensibilidade apurada.

Não nos é indiferente ouvi-lo; mesmo nos emociona e impele ao devaneio atlântico que trazemos no sangue por geito de raça e temperamento. É a aspiração de esta nossa língua vir a ser um dia o que hoje não é, aquilo que poderia ter sido, se os imponderáveis em dado momento não houvessem aparecido contrários.

Em boa verdade o desejo consiste em preparar para os séculos futuros cente-

CRÓNICA DA QUINZENA

nas de milhões de almas que se enterneçam a ler a Bugrinha, Maria Bonita e outras de Afrânio Peixoto, bem como as produzidas nesta costa de Lisboa e arredores, ou ainda as que um dia aparecem em Angola e Moçambique.

A grande ambição que deve aproximar a gente da palavra saúde, para ser grande e digna de homens, não pode divergir da que se exprime naqueles termos.

Sabe-se que o auctor de "Minha Terra" sagaz interprete das correntes sentimentais dos formados na margem brasileira entende como nós, e contempla o panorama à vista com igual enternecimento.

Não é pois para convertê-lo à fé há muito professada que vem este discurso, sim para fortalecer a própria ao calor do seu entuaiasmo.

Juntas as vozes a repetir a mesma confissão fica-se mais crente. Afirmar em côro vale muito mais que em separado; cada um recebe a força de todos juntos, por parecer-lhe seu próprio o clamôr inteiro.

Assim se mostra que a presença de Afrânio Peixoto em Lisboa constituiu um grande acto de fé portuguesa que com funda razão nos emocionou.

É isso que se agradece enternecido ao compositor da "Esfinge", e dos Estudos camoneanos, e de tantas outras preciosidades literárias que mandam crêr na eternidade da língua.

Depois de lê-las pode dizer-se com segurança que não morrem de morte absoluta os que escrevem como êle.

Nenhum acontecimento destes tempos iguala em importância o discurso do homem alemão, digamos a voz da Alemanha pois seria estulto contestar que uníssona com o condutor eleito se encontra a nação inteira.

Falou de facto o pensamento germânico com a potência de setenta milhões de almas para dizer que não quer a guerra porque nada lucraria com a guerra e que mesmo na hipótese de sair vencedora de um conflito cruento terminaria tão esmagada como o vencido.

Causou espanto ao mundo a oratória

fluente e com o toque de beleza que lhe dava a nitidez e amplitude do conceito.

Um péssimimo contumaz opõe agora que não é sincera a opinião expressa.

Atribuem os desconfiados reserva mental, ou felonía à promessa de paz solenemente apresentada a quantos queiram aceitá-la.

Ora as idéias expostas pelo homem representativo são, a mais de intuitivas, baseadas em factos experimentais. Só em estado de demência se pode ir contra os raciocínios apresentados.

"A guerra seria a ruína geral, destruidora da raça que povôa a Europa, dissolvente da civilização, aniquiladora do espirito. Cada sêr vivo, habitante desta parte do glôbo, na hora em que se abrissem as hostilidades, teria o máximo de probabilidades de perder ou corromper a vida, contaria com a perda da tranquilidade e alegria, seria um desgraçado em terrôr permanente, decerto impellido, como único recurso de libertar-se da opressão, para o desejo e acto de morrer".

Se isto assim se apresenta nítido, claro como o sol, a que propósito vem atribuir reservas ao pensamento e propostas formuladas no retumbante discurso de Hitler?

Como não é possível descobri-las ficamos-nos em que na última quinzena ocorreu o facto mais transcendente dos últimos vinte anos.

Realizam-se pela segunda vez as festas da cidade de Lisboa, iniciadas há um ano com êxito invulgar, por parte de compositores e executantes. Tanto a reconstrução Século XVIII, como as danças dos bairros podem memorar-se entre os raros acontecimentos de arte ocorridos em terra portuguesa.

Apenas faltou, para o espectáculo ser dos mais belos que no mundo se gosam, a colaboração do povo assistente, por seu costume depositado à beira das ruas, silencioso como montes de sacos.

Sem movimento, sem alarido, sem alegria custou a entender, se está ali por penitência, ou por divertimento.

Ha quem veja no geito a tristesa, como ha quem o considere estupidez, dado que indiferença tamanha, ou total ausência de vivacidade se afigura incompatível com a sua vibração de inteligência, tenue que seja. Fique a decisão para um congresso de sábios.

Apenas haveria a lembrar por agora a vantagem de organizar um corpo de animadores que estimulasse esta gente a manifestar-se, ao menos para não parecer mal a quem venha de fora e se atreva a tomar por índole bovina um tal abuso de sizudez.

Samuel Maia.



O dr. Afrânio Peixoto lendo o seu discurso na Academia das Ciências

seus esplêndidos trabalhos «Dinamene», «Camões e o Brasil», «Camões médico» e «Camonologia» ergueu mais um monumento à glória do maior poeta português.

Mas o dr. Afrânio Peixoto ainda vai mais além. É um grande amigo de Portugal, devendo-se-lhe muito no sentido da aproximação das duas nações. Conhece e admira os nossos heróis, os nossos sábios, os nossos clássicos e muitas vezes nos tem ensinado a conhecê-los mais profundamente.

Admira a nossa terra e pode ser considerado um

A grata visita de Afrânio Peixoto

O eminente académico brasileiro veio matar saúdes de Portugal

menagem ao seu ilustre confrade brasileiro, definiu magistralmente a personalidade do homenageado.

Depois de enaltecer o homem de ciência, o filólogo e o camonista, mostrou o lugar que Afrânio Peixoto ocupa no quadro do romance brasileiro, como mestre da novela psicológica e cronista admirável da socie-

Almoço oferecido no Estoril ao dr. Afrânio Peixoto pela representação da Federação das Associações Portuguesas do Brasil. O sr. Cândido Sobrinho Mayar era representado pelo sr. Henrique de Moraes, tendo ouvido o homenageado o prof. Jorge Maszardino. No almoço tomaram parte, entre outros, os srs. engenheiros Álvaro Santos Lima, dr. Alvaro de Vasconcelos, Paulo Menino, Arthur Brandão, V. Ramiro Lobo, O. Manuete, José Santos Lima, Rocha Melo, etc.



amante entusiasta das suas belezas. Na Academia das Ciências, o grande escritor português dr. Júlio Dantas, presidindo à sessão plenária de ho-

dade contemporânea, analisando, uma a uma, todas as suas obras, desde a «Esfinge», em que o escritor pretende resolver o enigma moral da mulher, até «Maria Bonita», «a mais bela alma da paisagem americana», na expressão de João Ri-

Os convivas do almoço oferecido pelo sr. embaixador de Portugal no Rio de Janeiro ao dr. Afrânio Peixoto



beiro; desde «Bugrinha», pequena deusa de bronze, que se sacrifica por amor, até às «Razões do Coração», onde a figura inolvidável de Regina simboliza a incógnita psicológica da mulher brasileira.

O sr. dr. Júlio Dantas, estudou ainda a técnica e o estilo de Afrânio Peixoto, os seus processos e as suas tendências literárias, erguendo, pe-

A sessão inaugural do Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura na Academia das Ciências com a assistência do Chefe do Estado, Cardeal Patriarca, membros do governo e outras altas individualidades



que «o que Portugal tinha de mais belo e de melhor vinha ali honrar um brasileiro que só trazia de si um coração cheio de amor a Portugal!»

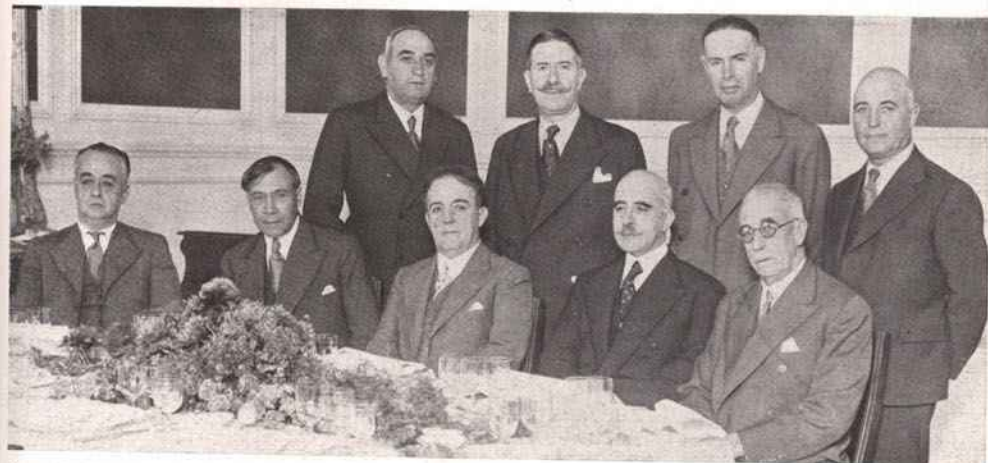
E terminou por dizer: «Estou genuflexo perante vós, entrecido pela recepção, e aspiro a que a mão de Portugal me proteja e me abençoe...»

Grande alma a deste nosso grande amigo!

Seja sempre bem-vindo à nossa terra o dr. Afrânio Peixoto que, chegado duma Pátria tão bela e tão grandiosa, tem ainda olhos para nos admirar e coração para nos amar tão fraternalmente.

A sua visita encheu-nos de jubilo e, francamente, na hora em que o dr. Afrânio Peixoto tiver de partir de regresso ao seu querido Brasil, seremos nós que pungiremos com saúdes. Sim, porque tal amigo deveria ficar sempre entre nós.

O sr. dr. Castro da Mata usando da palavra na sessão inaugural do Instituto Luso-Brasileiro de Altos Estudos



Almoço íntimo oferecido pela administração da Livraria Bertrand ao ilustre prof. dr. Afrânio Peixoto. Assistiram, conforme se vê na gravura, sentados, da esquerda para a direita, d. Ramada Curto, Sousa Costa, Afrânio Peixoto, Júlio Dantas, Augusto Montardano; e de pé: dr. Samuel Maia, Arthur Brandão, Aquilino Ribeiro e Salvador Costa

FIGURAS E FACTOS

Lapas de Gusmão

Dr. Umberto de Araujo



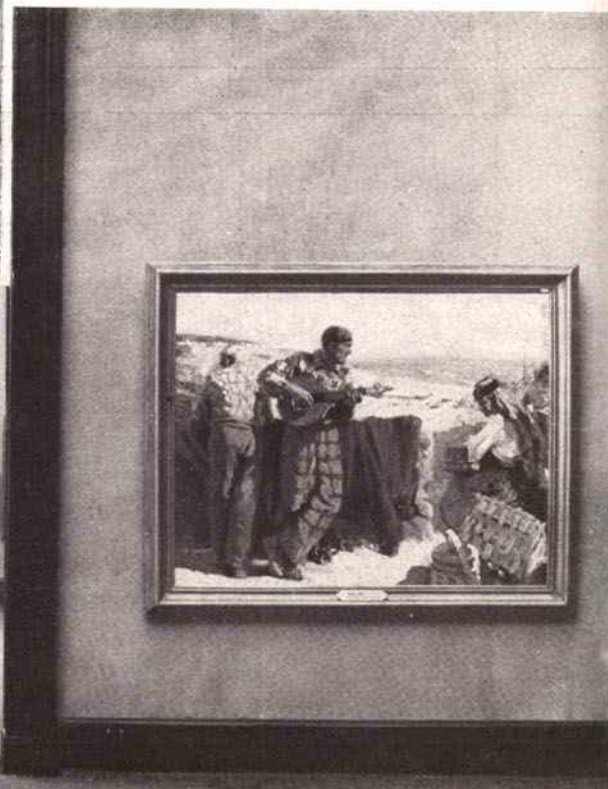
O dr. Umberto de Araujo, ilustre escritor e advogado notabilíssimo, realizou na Sociedade Nacional de Belas Artes uma interessante conferência sobre o tema — «Quem foi o dr. Quim Martins». Há muito tempo que um conferencista não atinge um tão extraordinário êxito nem um auditório aproveita tão bela lição.



O festejado autor da «Visão da Guerra» criou novos alentos e publicou um novo livro «A guerra no Sertão» em que relata os factos da campanha do Sul de Angola de que fez parte. É um livro que se lê do princípio ao fim sempre num crescendo de ansiedade. O seu forte colorido da frase arrebatada e dá a impressão de nos levar através dessa Africa tão bela e tão misteriosa. Lapas de Gusmão conseguiu um novo triunfo, e proporcionou-nos o prazer de ler um bom livro.

Dois grandes artistas portugueses no «Salon des Artistes Français»

O ilustre pintor Carlos Reis e seu filho João Reis expuseram as suas telas no «Salon des Artistes Français», honra que desvanece todos os portugueses. O quadro de Carlos Reis foi colocado ao centro da parede duma bellissima sala, o mesmo sucedendo com João Reis. Os trabalhos expostos, ambos de grandes dimensões foram reproduzidos no catálogo do Salon, tendo merecido à imprensa francesa os mais calorosos elogios. É consolador verificar que um país estrangeiro rende homenagens aos ilustres artistas que tanto tem feito realçar o nome de Portugal.



VEÍCULOS-PROJETEIS

A linha aerodinâmica e a sua aplicação ao material ferroviário

A ânsia de conquistar velocidades cada vez maiores levou, nos últimos anos os construtores a estudar desenhos de linhas em que a resistência oposta pelo ar se reduza ao mínimo. Surgiu assim a moda dos perfis aerodinâmicos, criação incontestável da nossa época e uma das que mais influenciam a estética contemporânea.

O perfil aerodinâmico passou logo a constituir uma necessidade para o avião, para o automóvel e para a locomotiva. Pouco a pouco as formas tradicionais foram-se modificando, demonstrado como estava que um estado racional das linhas exteriores poderia conduzir a um acréscimo de velocidade. Desapareceram as grandes superfícies de resistência, as altas chaminés, tudo o que podia constituir um obstáculo à rápida perfuração do ar. E em seu lugar surgiram perfis afilados, orientados para o ideal que é o perfil.

A evolução já realizada neste sentido é enorme. Como dissemos o perfil aerodinâmico influencia, de perto ou de longe, quasi todas as concepções estéticas do nosso tempo.

Para o caminho de ferro esta adaptação impôs-se mais fortemente ainda por virtude da concorrência que lhe movem os transportes por estrada. Dentro dos princípios de economia a que toda a indústria tem de sujeitar-se, convinha procurar um aumento de velocidade a que não correspondesse um acréscimo de despesa. O perfil aerodinâmico era uma solução, pois a velocidade igual, o consumo do combustível pode dêsse modo reduzir-se em cerca de 10%.

Do muito que se encontra já feito nesse sentido dizem mais as gravuras que ilustram estas páginas do que longas explicações. Conforme se verifica, a tendência consiste em envolver toda a locomotiva, e por vezes todo o comboio, numa carapaça metálica sob a qual se dissimulam as rodas, tubos e outras saliências que aumentam o atrito do ar. O conjunto toma assim a aparência duma gigantesca granada, susceptível de perfurar a atmosfera com muito maior facilidade.

Esta transformação suscita, porém, um grande número de problemas, como se vai ver.

Numa locomotiva as reparações são constantes. Ora a prática demonstrou que o maquinista gasta o triplo do tempo para afinar qualquer órgão quando tem de levantar para isso a carapaça metálica que cobre a máquina. É este um dos maiores inconvenientes do perfil aerodinâmico.

Por outro lado, não basta que as linhas da locomotiva obedeçam a um desenho científico. Para que os resultados sejam sensíveis é preciso que o conjunto dos vagões esteja subordinado ao mesmo princípio.

Os estudos experimentais demonstraram que o espaço existente entre uma carruagem e ou-

tra dá origem a redemoinhos que perturbam a marcha. Além disso, a cauda, se fôr formada por um vagão vulgar, provoca, ao deslocar-se, um vácuo momentâneo que contaria o efeito da tração.

A solução destas dificuldades está em tornar extensiva a todo o comboio a carapaça metálica de que já falámos. Mas isso levanta um certo número de dificuldades técnicas. Por um lado, aumenta o peso, muito embora a cobertura seja feita num metal leve — o duralumínio, geralmente. Por outro, há que tornar a carapaça extensível, de modo que o número de vagões possa ser aumentado ou diminuído à vontade, e articulável para que possa circular nas curvas da via férrea.

É interessante saber-se que o estudo das linhas aerodinâmicas levou os técnicos a observações que não se poderiam prever. Apurou-se, por exemplo, que a abertura das janelas durante a marcha prejudica o andamento. No decurso de certas experiências puderam notar-se diferenças de velocidade de cerca de cinco quilómetros



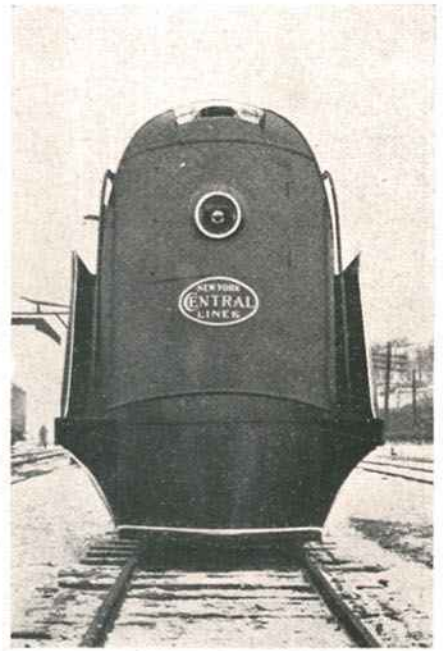
Uma das automotoras mais rápidas da América do Norte. É accionada por um motor Diesel e coberta por uma carapaça de aço inoxidável.

por hora, conforme as janelas estavam fechadas ou abertas. Isto levou os engenheiros a estudar a construção de carruagens cujas janelas nunca se abrissem. Em tempo fresco, a renovação do ar poderia fazer-se facilmente por meio de aberturas para o exterior. Mas em pleno verão, e sobretudo para os grandes expressos trans-continetais, o problema apresenta-se mais difícil. Seria preciso criar dispositivos de refrigeração do ar, cujo custo excederia o da própria carruagem. E seria ainda de recear que os viajantes recebessem mal uma inovação que os privava do uso das janelas.

A criação de perfis racionais e o aumento de potência das locomotivas têm tornado possíveis velocidades muito maiores. Em certos percursos, as máquinas a vapor excedem facilmente a média horária de cem quilómetros. Em Inglaterra, o comboio que vai de Swinson a Londres percorre 124 quilómetros desse percurso a 114 quilómetros por hora. Os 155 quilómetros que separam Laroche de Paris, na linha P. L. M. são percorridos à velocidade comercial de 102 quilôme-

Aspecto de conjunto dum comboio norte-americano, construído em obediência aos princípios da aerodinâmica

A linha aerodinâmica não é, como aqui se vê, incompatível com o conforto das vagões-camas dos comboios expressos



tros por hora. O percurso de Poitiers a Angoulême, que é de 112 quilómetros, é coberto numa hora pelos comboios rápidos.

Um imponente aspecto da parte dianteira duma locomotiva em serviço nos Estados Unidos

O expresso que atravessa o continente norte-americano de costa a costa, ligando Nova York a Los Angeles, gasta nessa viagem 56 horas e 56 minutos, o que corresponde a uma velocidade média de cem quilómetros por hora.

Actualmente, as maiores velocidades pertencem aos comboios eléctricos. Em Itália vão ser postos a circular na linha Milão-Roma-Nápoles comboios de tração eléctrica que devem atingir 160 quilómetros por hora em alguns trechos do seu trajecto.

A pequena extensão das linhas férreas no nosso país, faz com que acompanhem a grande distância este desenvolvimento de grandes velocidades. Apesar disso, o «Sud-express» que liga a nossa capital a Paris, atinge, nas alturas do Entroncamento, uma média de cem quilómetros. Este trecho do percurso figura, portanto, entre os 106 existentes no Mundo inteiro onde tal velocidade é possível.





EMBOra o calendário consagre o dia 10 de Janeiro a S. Gonçalo, a risinha vila de Amarante festeja-o com o maior espavento nos dias 1 e 2 de Junho, como que a antecipa-lo a Santo António de Pádua, outro grande taumaturgo português.

O mais interessante é que o exemplar dominicano amarantino deveria ter conhecido o virtuoso franciscano lisboeta, visto serem da mesma época.

Santo António, nascido em Lisboa no ano de 1195, levou a sua vida em grandes peregrinações até que se fixou em Pádua, onde se tornou famoso pela eloquência dos seus sermões. Resta saber em que língua falaria êle para se fazer compreender pelas multidões dos varios países que atravessou. Afirma-se que o pregador português aprendera latim na Sé de Lisboa, tornando-se notável pela sua interpretação dos Salmos de David. Mas seria nesta lingua que Frei António conseguiu arrebatar os seus ouvintes em Forli, em Bolonha, em Montpellier, em Tolosa e em Pádua?

Como poderia o povo rude entender uma linguagem que só os eruditos poderiam compreender?

O que não oferece dúvida é que o frade português não conseguiria conquistar uma tal auréola se não fôsse formidáveis os seus merecimentos e extraordinárias as suas virtudes — e, para mais, em país estrangeiro.

Faleceu em Pádua com 36 anos de idade, sendo canonizado, no ano seguinte, pelo papa Gregório VII que se rendeu à evidência dos seus numerosos milagres.

Ora, frei Gonçalo que, nessa altura, dava o seu nobre exemplo por terras de Amarante, não podia deixar de ter conhecimento destes factos que ecoaram em todo o mundo católico.

Eis o que se sabe acerca de S. Gonçalo: Nasceu em Arriconha, freguesia de Tagilde, por volta do ano de 1200, quando Santo António andaria pelos cinco anos de idade. Descendia da nobre familia dos Pereiras, que se evidenciara nas lutas contra os moiros desde a fundação da Pátria portuguesa. Seu pai, reconhecen-

do-lhe a enorme vocação para a vida monástica, mandou-o educar no convento dos beneditinos de Pombeiro. Tão eloquentes provas deu nos seus estudos que o arcebispo de Braga várias vezes o chamou a pregar na sua sé, apontando-o como o mais perfeito exemplo de sacerdote.

Mais tarde encarregou-o de parouquir a igreja de S. Paio de Riba-Vizela. Dali foi colocado em Amarante, terra que lhe mereceu os mais acrisolados carinhos. Um dia, notou que fazia ali falta uma ponte, visto que o rio Tâmega nem sempre podia ser atravessado a vau.



Santo António da Pádua

OS MILAGREIROS DO CASAMENTO

Santo António e S. Gonçalo

Qual dos dois tem a seu cargo mais árdua missão?

Andou pedindo esmola por casa dos mais abastados e solicitando a ajuda braçal dos que mais nada podiam oferecer. Ele próprio traçou a planta que começou a ser executada sob a sua direcção. O crítico Rezkinsky, aceitando esta versão, incluí S. Gonçalo na lista dos architectos portugueses. As pedras eram carriadas com toda a solicitude para junto do local escolhido pelo santo. Dezenas de operários davam todas as horas de que podiam dispor, e, assim, a ponte foi edificada, como ainda pode ver-se. Diz uma velha lenda que, muitas vezes, escasseando os recursos para sustento dos operários mais pobres, S. Gonçalo chamava os peixes do rio Tâmega que, acto contínuo, vinham em cardumes oferecer-se para alimentação dos pedreiros. O santo colhia os que julgava suficientes, e abençoava os restantes que mandava novamente em paz. Assim foi realizado o milagre da construção da ponte de Amarante.

Cabe também a S. Gonçalo a edificação da capela de Nossa Senhora num rochedo sobranceiro do Tâmega, capela que ainda existe.

Sendo grandes as suas rendas, todas dispendeu entre os mais necessitados daquela região, sem nunca entesourar dum ano para o outro.

O seu maior desejo era visitar a Terra Santa e admirar com os seus próprios olhos o berço do Cristianismo. Como tinha um sobrinho que educara e mantivera desde os primeiros anos, e segundo a sua vontade, seguiu a carreira eclesiástica, confiou-lhe o governo da sua igreja, e partiu para Jerusalm.

O novo pároco, porém, não honrava o seu antecessor. Embrenhou-se numa vida de prazeres e devassidão, patenteando pelos pobres o maior desprezo.

Decorridos anos, frei Gonçalo voltando a Amarante, foi bater à porta do sobrinho. Este, que já o considerava morto, e não estava disposto a restituir-lhe o cargo e os benefícios, chamou-lhe impostor e zurziu-o à paulada. Frei Gonçalo, resignado, recolheu-se a um ermo, passando a viver de esmolas que continuou a repartir pelos pobresinhos.

A sua fama voltou a correr e ao seu refúgio acorriam milhares de peregrinos a solicitar a sua bênção.

Após a sua morte, o número de devotos aumentava, dia a dia, implorando a sua protecção.

Diz a lenda que uma velha, sentindo-se, ainda assim, apta para o matrimónio, suplicou ao santo que lhe deparasse um noivo. Quem soube da prece riu a bom rir, pois a velha nada tinha que a recomendasse. Se os dotes físicos se haviam estiolado, os bens de fortuna não

eram nenhuns. Era pobre como Job e feia como uma Medusa. Pois, apesar de tudo, a velha gaiteira arranjou um noivo que qualquer rapariga formosa e prendada não desdenharia.

Milagre de S. Gonçalo de Amarante! Calcule-se a quantidade de promessas idênticas que choveram no altar do taumaturgo. E a todas o santo ia satisfazendo conforme podia...

Daf a famosa quadra que fazia transparecer o lamento

Mosteiro de S. Gonçalo e ponte de Amarante



das raparigas preteridas pelas suas avós na celebração do santo sacramento do matrimónio:

S. Gonçalo de Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casais as novas?
Que mal vos fizeram elas?

Via-se claramente que, estando o casamento das jóvens a cargo de Santo António, este, apesar de todo o seu poder milagroso, não se desempenhava da sua missão com o zelo que seria para desejar.

Era natural, portanto, que surgisse a rivalidade entre os dois santos, sendo apreçada a superioridade de S. Gonçalo que realizava milagres de maior tomo. Sim, porque arranjar casamento a uma rapariga bonita, qualquer faria. Difícil, difícil seria conseguir noivo para uma velha que nada tivesse que a recomendasse. Isso é que era milagre!

Frei Gonçalo foi canonizado a pedido do rei D. Sebastião pouco antes de partir para a desastrosa jornada de Alcêcer Kibir. O papa Pio IV, tomando em consideração as virtudes do frade de Ama-

rante, deu-lhe o merecido

lugar no "Flos Sanctorum". O rei português, que sempre desdenhara o casamento, alegando o exemplo de D. Galaaz e outros que se mantiveram castos para prestígio das armas, teve sorte em se deixar ficar, vivo ou morto, por terras de Marrocos. Se tem voltado, e alguma velha gaiteira se lembra de o cubiçar, era negócio feito. Uma prece a S. Gonçalo — e o moço monarca não teria outro remédio senão casar com o primeiro estaférmo que lhe apparecesse...

Não queremos, com isto, fazer empalidecer o prestígio do glorioso taumaturgo Santo António, que tem os seus devotos com o mais legítimo direito. Da grandeza dos seus milagres toda a gente fala a tal ponto que se encontram esculpidos em magníficos baixos relevos nas grandes catedrais estrangeiras. Os mais insígnis pintores dedicaram-lhe algumas das suas telas mais preciosas.

E S. Gonçalo de Amarante, o santo português que levou o seu patriotismo a querer vir morrer na terra que lhe foi berço? Não merecia também a simpatia dos artistas?

A falta dum monumento portentoso assinado por algum dos mais falados escultores mundiais, tem a ponte de Amarante que, à sua imponência majestosa, continua a juntar a sua cada vez maior utilidade. Os pilares deste monumento mantem-se alicerçados sobre os corações dos nobres amarantinos. Isso lhe basta.

Entrar em Amarante, a vila excelsa que se ergue como vedeta do Marão, é entrar no coração de S. Gonçalo.

Há quem afirme que esta

Ponte sobre o Tâmega em Amarante



Gomes Monteiro.

S. Gonçalo de Amarante

A humanidade apreciou sempre comer bem, e mesmo as pessoas, que mais desprendidas se mostram pelos prazeres da meza, têm uma predileção por um prato, que as leva muitas vezes ao pecado da gula.

Mas através das épocas, a alimentação tem sofrido as maiores modificações. Nos tempos primitivos o homem vivia de caça e de pesca e dos frutos dos bosques. Depois com a civilização a comida, que nesses tempos era apenas cosinhada, carnes e peixe passados nas brazas, começou a apurar e começaram a aparecer os primeiros glutões.

Na Roma dos Cesares a cosinha teve o maior culto. Os banquetes sucediam-se e as carnes e peixes vinham sucessivamente temperados com os mais complicados molhos, que do Oriente tinham sido trazidas as receitas, que só não arruinavam os estômagos dos romanos, porque eles eram duma assombrosa resistência.

Num banquete nunca apareciam menos de vinte pratos. Esta é uma das grandes diferenças entre os romanos e os gregos, que sóbrios e estetas, preferindo a elegância da forma à satisfação do prazer brutal de bem comer, se sustentavam de frutas, leite e mel. Os doces figos e o mel do Himeto eram os seus pratos preferidos.

Mais tarde na Idade Média e na Renascença, a gula foi o mais freqüente pecado. Guerreiros e damas comiam com uma sofreguidão e em tal quantidade, que só é para admirar como conseguiam digerir e viver. Houve na história reis, que ficaram célebres pela sua glotonaria.

Henrique IV de França foi um dos melhores garfos da sua época. Os seus banquetes eram célebres e a destreza com que devorava um cabrito inteiro, muito temperado com molho em que o alho entrava em grande quantidade. Como meridional que era, tinha predileção pelos tempêros fortes, fazia a admiração e quem sabe se a inveja dos seus contemporâneos, admiradores duma tal habilidade que então não era considerada brutal. Henrique VIII de Inglaterra dava aos seus subditos o exemplo duma formidável aptidão devoradora.

Naturalmente que estes alimentos em tão grande quantidade não eram ingeridos sem o acompanhamento de líquido correspondente. Nessa altura não havia crise de abundância de vinho, tal era a extração que ele tinha.

Depois nos fins do século XVIII começou o requinte da cosinha. Vatel o célebre cosinheiro começou a preparar pratos em que a elegância igualava a quantidade. Luís XVI tantas vezes acusado de comilão, não era apenas um glutão, era também um guloso, o que faz sua diferença.

O guloso é um apreciador do requinte dum prato bem feito, é o "diletante", o glutão o que quer é a quantidade e quasi não olha à qualidade.

Foi nessa época que tiveram lugar os banquetes venezianos, as ceias que tornaram a elegante Veneza do século XVIII

tão célebre nos anais da boa cosinha, chegando a afirmar-se que se comeram pratos armados, guarnecidos a pó de ouro fino.

No século XIX houve também grandes apreciadores do boa mesa. Um dos mais célebres foi Dumas pai, o romancista que

A BOA MESA

encantos gerações com a sua série de romances de capa e espada e que como os seus heróis, devorava em meia hora, uma galinha, um pastelão de massa folhada regados com duas garrafas de Borgonha.

O seu robusto apetite causava inveja a muita gente. Mas bons apetites houve e haverá sempre e apreciadores, também, para quem um bom jantar vale tanto como a melhor festa. Há mesmo quem avalie se uma festa é boa, pela quantidade e qualidade de comida que se serviu.

No entanto agora não se come como dantes. Eu já não falo dos tempos atrasados, mas antes da guerra.

Rara era a casa, ainda que modesta que não tivesse ao jantar três pratos e acompanhamentos. O que hoje só num banquete se faz.

Habituaados, talvez às restrições que a guerra impoz os estômagos de hoje não suportam essa quantidade de alimentos,

E depois a higiene veio provar-nos que nenhuma vantagem há nessa superalimentação, que provoca a obesidade, as dilatações de estômago e tantos outros males. Se prestarmos atenção ao que se come em França o país célebre dos "gourmets", nós vemos o que é um povo sóbrio que nos lembra os estetas gregos.

A mulher francesa, que cultiva com amor a sua estética e a sua beleza é duma sobriedade extraordinária e tem no entanto saúde, pôde dizer-se que só à uma hora come. A sua refeição da noite, às

oito horas consta apenas, dum caldo e frutas e consegue assim vencer essa grande dificuldade da juventude perpétua.

Nada envelhesse mais do que a excessiva comida que obriga o estômago a um trabalho extenuante.

Há ainda os frugívoros que quasi vivem de fruta, o que não os impede de terem na sua mesa o maior requinte de elegância como se pode observar nesta gravura. Os "naperons" em "filet", a disposição elegante das frutas esplendidas, a loiça linda, as pratas, fazem-nos pensar, que assim deveria ser a mesa dum rico grego, na época em que a estética e a elegância eram a preocupação desse povo.

Os atletas, os desportistas quando se treinam são duma sobriedade absoluta. A cantora que exige a maior perfeição à sua voz sujeita-se a um duro regime, de quasi dieta e quasi fome.

A mulher que quer conservar a frescura da sua pele e uma boa linha de elegância tem de ter um cuidado muito especial na sua alimentação.

De país para país difere a alimentação, mas temos de concordar que nos países sóbrios se nota maior elegância e vivacidade de espirito.

Que diferença há entre a rapariga parisiense, que almoça batatas fritas e um copo de limonada, e as mulheres alemãs que comem a toda a hora salchichas e bebem cerveja como quem bebe água.

A boa mesa que fez as delícias dos antigos é muito apreciável sem dúvida, sobretudo para os estômagos sólidos.

Comer bem, está proibido, quando bem queira dizer muito. O que é preciso é saber comer, de maneira a agradar ao paladar, a sustentar o organismo e a não prejudicar o estômago, a linha estética, e o bem estar espiritual que, parecendo que não, é imensamente influenciado pela digestão.

Maria de Eça.



O Rodano corre aqui azul claro e vivo, quebrando-se em espuma branca, contra as muitas colunas de muitos arcos das pontes. Cansado e preguiçoso, empurrando vagarosamente para a frente a água verde escura, o Saôna sai-lhe ao encontro. Entre os dois rios fica a cidade, em triângulo isósceles, alargando-se de um lado pelas colinas até à enorme basílica, e do outro alcançando o Rodano, em passagens de maravilhoso conjunto, até às estreitas planícies no sopé dos Alpes.

Sobre uma das pontes fica a casa de André Citrôen, construída em estilo de Le Corbusier; no meio da cidade triangular a Praça Bellecour, uma larga e espaçosa superfície de areia em volta da estátua equèstre, verde pelos musgos de largos anos e que passa despercebida. No caminho para o «Hotel de Ville» encontra-se o Monumento de Carnot, com placas que nos recordam os anos de 1891 e 1893 — as datas das entrevistas em Cronstadt e em Toulon, as datas da aliança da República com a Rússia dos Czares. Que monumento recordará daqui a um século a aliança da França de hoje com a união soviética?

A Joseph Fouché, o jacobino, o magarife de Lyon, ninguém contudo ergueu aqui um monumento; apenas nas montanhas de uma ou outra livraria se vê o seu retrato na encadernação da biografia de Estevam Zweig. Sobre uma coluna está Ampère, que também nasceu nesta cidade da indústria, da electricidade, da sêda e dos automóveis.

A cidade dos automóveis e da sêda é uma cidade de fábricas — de entre um milhão de habitantes um exército de cerca de 300.000 trabalhadores caminha através da crise de trabalho que, dia a dia mais se acentua. Em nenhuma parte da França sobe o desemprego a números tão ameaçadores como aqui. Em primeiro lugar sofre a arte — a burguesia mais pronta ao sacrifício, já não é capaz de sustentar completamente um teatro; a Ópera arrasta-se dificilmente através a época teatral. Ao contrário, o «Museu de estofos e tecidos», único na Europa torna-se cada dia mais afamado. Mais afamada ainda a Administração desta cidade.

O seu «maire» é Herriot, deputado pelo distrito de Rodano, e ministro da França; passa dois dias por semana ocupando-se das necessidades da sua «mairie» — exemplarmente, dizem os seus —; recebe tôdas as segundas-feiras à tarde até pela noite fóra. A sala de espera, no andar superior do belo edificio da administração municipal, construído em estilo barôco está abarrotando de gente em cujo olhar mais ou menos se vê inquietação, a expectativa. O contínuo agalooado recebe com altivez os cartões das visitas que chegam, daquêles cuja recepção já está marcada para uma hora certa. Um longo corredor ladeado de portas altas; atrás de uma delas trabalha Mr. Mandon, a roseta da Legião de Honra na lapela; o fato é sempre preto em qualquer tempo ou época do ano; um sorriso indefinido na face redonda, rosada e

emoldurada de cabelos brancos de neve. Ele, o secretário todo poderoso do ministro, também troca todos os domingos e segundas-feiras o escritório da «Foire de Lyon», ao Boulevard de la Madelaine, em Paris, modesto nome sôb o qual se oculta um grande centro de política europeia, difficil de reconhecer para os não iniciados, pelo seu gabinete municipal de Lyon.

Na última sala, grande e de altas janelas

VISITA À CIDADE DE HERRIOT

las sobre a Praça da República cheia de vida e de barulho, finalmente — Herriot. Sentado à sua velha e pesada mesa de trabalho, entre móveis e objectos de madeiras escuras, mas preciosas, êle fica me-



Edouard Herriot

lhora ainda do que em qualquer outro lugar. A sua simplicidade adivinha-se assim mais claramente. O seu rosto insinuante, pensativo, a fronte sempre enrugada reflectindo as suas preocupações, o seu olhar sempre atento, ganha na conversação poder ainda maior. Compreende-se o motivo porque tantos franceses o consideram uma espécie de segundo pai, ou um chefe de família sempre pronto em caso de perigo. Dimana uma segurança burguesa dos seus largos ombros; da curva forte do seu braço; do modo de apoiar a mão esquerda ao braço da cadeira enquanto a direita acaricia o já histórico cachimbo de madeira. Hoje êle é o assunto preferido dos desenhadores de jornais e dos caricaturistas. Mais tarde será para o escultor um lindo modelo com a sua sólida cabeça; a testa enrugada de búfalo; as palpebras pesadas; a densa escôva dos seus cabelos ainda escuros.

A sua voz é suave em relação ao forte corpo. Ela dispõe de recursos extraordi-

nários. Por vezes dá-nos frases absolutamente poéticas; curva-se com agrado dos temas políticos para a conversa final sobre coisas de literatura, de arte, de crítica e de preferência de música.

Ocupar-se da divina arte de Beethoven precisamente quando a sua atenção deve estar mais cencentrada, como por exemplo no momento em que o Gabinete Flandin vier a findar os seus dias, é para êle um prazer. Se fala de música parece ficar tímido, acanhado como um verdadeiro artista.

Os homens de Lyon são poucos comunicativos e difficilmente acessíveis mas, uma vez conquistados, a sua confiança é firme, constante. As mulheres são — Herriot, de resto, sabe apreciar isso, — mais belas que as de Paris. Na plena primavera que atravessamos, mesmo que o asfalto se amoleça sob um sol ardente, um sol de canícula, elas continuam a vestir-se de negro ou de côres escuras.

A pequena e velha igreja no coração da cidade, resplandecendo no brilho da estrela de Belem e de muitas e altas e delgadas velas, está por volta do meio dia cheia de mulheres; senhoras com embrulhos e pacotinhos; pequenas burguesas com sacos de mercado; mulheres de trabalhadores com tachos de comida, que pelo caminho, fazem uma visita apressada à doce e santa Maria Teresa. Na sua vizinhança encontra-se o «Hotel Dieu», dentro de cujas paredes cinzentas e húmidas não apetece estar-se doente. Eduardo Herriot permaneceu ali muito tempo em rapaz, infeliz e orfão, partilhando da sala comum com um grande número de doentes. Não o esqueceu e por isso mandou construir a «Grange Blanche», o novo hospital de Lyon em pedra branca e em vidros brilhantes, a mais moderna construção, a melhor organização hospitalar, e a mais moderna de tôda a França, com quartos particulares para cada doente, sem excepção.

Num dos muitos cinemas, — o «Pathé Natan» — vi «Les Croix de Bois», proibido na Alemanha — film tirado do romance de Roland Dorgelès. Os espectadores, na maioria jóvens da geração de «après la guerre», não conheceram os acontecimentos que servem de tema ao filme e olham atentamente mas não emocionados; raramente interrompem as suas conversações animadas. Todos serão, mais tarde, soldados com aparência daquêles que eu vi em gôso de licença, comprimindo-se num pequeno grupo, na igreja — caras de criança queimadas pelo sol mal atingindo a altura da craveira, ou então como os velhos «Caçadores Alpinos», da vizinha Grenoble cujos batalhões estiveram na frente italiano dos Alpes, alguns meses de um inverno de guerra da qual êles ainda contam os horrores que julgam piores do que os de Verdun.

Voltaremos a isso, a-pesar do livro e do filme de Dorgelès, a-pesar de um homem como Herriot ser o burgomestre de Lyon — e Ministro da França?



Rei Carol

O rei Carol da Roménia encontra-se, neste momento, numa posição difícil que muito o apoquent e confrange. Querem-lhe arrebatá-la a favorita, a célebre Magda Lupesco pela qual sacrificara o trono e até a tranqüillidade do seu lar. Pretendem passar uma esponja sobre as mais gratas recordações do seu passado amoroso que lhe deram foros de príncipe de balada nos meios condescendentes e acolhedores da capital francesa.

Embora seja para o seu bem, o soberano tenta reagir. Mas como, se o partido liberal em que se apoia — e é hoje o defensor do governo — está perdendo cada vez mais a sua influência?

A solução estaria em chamar ao poder o partido nacional camponês, não obstante a antipatia que este lhe merece. E' que este partido, chefiado por Maniu, está fazendo uma campanha tremenda contra a favorita Lupesco, chegando a considerá-la "a alma negra da camarilha de influências extra-constitucionais que pesam sobre a Coroa".

Nos seus ataques, os camponeses avolumam o perigo que essa mulher constitui para o presélio da Coroa, e salientam que, a continuar em tal estado de coisas, todos os monárquicos tinham o direito de abandonar o rei, visto impor-se o dever de dignificar a pátria. A dar-se a explosão, as falanges do partido camponês engrossariam as hostes republicanas, e a monarquia teria os seus dias contados.

Sabe-se que Maniu, de acordo com a rainha Maria, mãe do soberano, deseja que madame Lupesco seja expulsa do país, para

que a rainha Helena possa ocupar o seu lugar junto do monarca.

Em face duma tal situação, o rei Carol vai tentar consolidar a sua posição contra os seus inimigos e os de madame Lupesco, e realizar uma reforma da Constituição que venha fortalecer e aumentar a autoridade da Coroa.

Pelo seu cálculo verificou que, mais tarde ou mais cedo, terá de chamar ao poder o partido camponês para segurar o trono. Mas, com a actual Constituição, o referido partido exerceria uma pressão enorme sobre os actos do monarca, e a primeira imposição seria o deslêrro da favorita que está ocupando o lugar da rainha Helena.

O rei Carol, antecipando-se, pretende levar a cabo certas reformas na Constituição, mercê das quais venha a ser menor e mais restrita a influência do Parlamento e do governo sobre a Coroa.

Como sabe que o partido camponês iria fazer reformas num sentido democrático, o rei projecta introduzir as reformas necessárias, ainda com o actual governo. O primeiro ministro Tataresco não se opõe, segundo parece, aos desejos do soberano, embora pessoalmente não veja qualquer razão para tais reformas.

O plano do rei Carol consiste em aumentar as suas prerrogativas, concedendo à Coroa o direito de designar metade dos membros do Senado e dar a este organismo o direito de pedir a dissolução da Câmara dos Deputados.

Na opinião do soberano, muitos deputados consideram apenas a sua nomeação como uma oportunidade para desenvolver os seus negócios particulares.

Além disso, deseja criar a impressão na opinião pública de que a Câmara dos Deputados não é somente uma câmara mais pequena, mas um organismo constitucional.



Magda Lupesco

PAIXÃO DE REI

O soberano romeno sofre cada vez mais os desvarios amorosos da sua bela moridade

Tataresco, aproveitando a ocasião pelos cabelos, está na disposição de incluir no governo alguns representantes do partido agrário, das Direitas, cujo chefe, Gega, foi em tempos íntimo do rei e um partidário fervoroso de que se aumenta as prerrogativas da Coroa.

Diz-se também que tudo isto levaria



A rainha Helena e o príncipe Miguel

algumas vantagens a Tataresco porque lhe permitiria exercer um melhor controle sobre o partido que, pela sua propaganda extraordinariamente radical, se converteu num dos principais factores da intranqüillidade reinante no país.

Mas o processo a seguir para se proceder a uma reforma constitucional é bem mais complicado do que se calcula. O rei, o Senado e a Câmara dos Deputados tem o direito, separadamente, de propor uma modificação.

Primeiramente, porém, deve ser aprovada pelas duas Câmaras — e por maioria — a lei correspondente. Depois as duas Câmaras devem constituir um comité conjuncto que preparará uma informação completa sobre a projectada reforma que será lida, duas vezes, no prazo de duas semanas. Celebrar-se-á, depois, uma sessão conjuncta, na qual o projecto de reforma deve ser aprovado por uma maioria de dois terços. Caso seja aprovada, o Parlamento ficará dissolvido "ipso facto" e as novas Câmaras aprovarão também a reforma antes desta se converter em lei.

Tudo isto planeia o rei Carol para salvar a favorita!

Consegui-lo-á? E' pouco provável.

O maior desejo da rainha mãe seria conciliar o filho e a nora e fazer voltar a tranqüillidade ao régio lar. E' certo que o amor das mães consegue verdadeiros prodígios.

Ah! mas o rei Carol quer tanto à sua favorita!

Vem a propósito recordar um episódio do reinado de Henrique IV da França, para fazermos uma ideia das proporções que estes amores ilícitos chegam a tomar.

Este soberano, tendo casado com Maria de Medicis, apaixonou-se por Henriqueta Touchet e levou a sua audácia a dar-lhe aposentos no palácio real.

Um dia, passando a favorita junto da rainha, esta, sem poder conter a indignação, murmurou para as pessoas que a rodeavam:

— Ai vai a amásia de Sua Majestade!

— Fazemos o que podemos — ripostou a visada com o maior desdém.

A rainha, sufocada pela ira, quis tentar um desfôrço pessoal. Nisto, appareceu o rei que tentou deitar água na fervura.

— Peça perdão a Sua Majestade da offensa praticada — ordenou o monarca à sua favorita.

— Não me humilho ante uma igual — respondeu orgulhosamente Henriqueta.

Henrique IV, perdendo a cabeça, esbofeteou-a ante a satisfação da rainha que assim se julgava desagradada.

A favorita retirou-se chorando, enquanto a rainha patenteava o seu contentamento que deveria ser pouco duradouro. No dia seguinte, Henrique IV estava novamente nos braços da amante, mais apaixonado do que nunca.

A rainha Maria de Medicis que conseguiu, ao casar com o rei da França, obter concessões formidáveis como o regresso dos jesuitas, não conseguiu nunca expulsar do seu próprio palácio a amante do marido que a afrontava.

Passava-se isto nos tempos de Henrique IV.

Hoje, na Roménia, a rainha Maria conseguirá realizar o seu sonho?



A rainha Helena da Roménia

O poder do amor de mãe é tão grande, tão grande que pode realizar verdadeiros milagres.

Tolstoi, para dar uma ideia da grandeza omnipotente do amor materno, apresenta-nos uma pobre rapariga magra, enfezada que até para dar um passo fazia um esforço enorme. Como seu pai se encontrasse agonizante, procurou um feiticeiro que tinha fama de curar todas as doenças por mais graves que fossem.

O mago, ao vê-la tão fraquinha, sorriu e intimou-a a levantar uma pedra enorme que tinha ao canto do laboratório, e atirá-la à rua. O calhau pesava mais de duzentos quilos.

— Não posso! — gemia a pobresinha, fazendo inauditos esforços para levantar o pedregulho — bem vê que não posso!

— Nesse caso, teu pai morrerá! — sentenciou o sábio.

Tempos depois, a rapariga voltou a suplicar-lhe que salvasse o seu marido que se encontrava moribundo. Tinha casado havia meses e a vida corria feliz.

— Está ali a pedra — respondeu o sábio — levanta-a e salvarás o teu marido.

Mas a pedra não se moveu por mais esforços que a rapariga fizesse.

Decorridos tempos, a infeliz voltou a entrar no laboratório do sábio. A desgredada e os olhos luziam-lhe como tições.

— Meu filho está doente — rugiu ela — e eu não quero que ele morra. Ouviste bem? Não quero que ele morra. Intimo-te, portanto, a que o salves!

— Ai tens a pedra — declarou o sábio com a sua crueldade inflexível.

E a pobre mulher, fraquinha como um vime, pegou no pedregulho como se fosse uma pena e atirou-o pela janela fora.

O amor de mãe tudo pode.

A história que se segue passou-se na América e tem tôdas as garantias de autenticidade que possam desejar-se.

Um habitante de Chicago encomendou a um comerciante de Los Angeles um casal de cobaías, mais conhecidos por porquinhos da Índia. Satisfazendo o pedido, os dois animais foram expedidos por caminho de ferro ao comprador.

O chefe da estação de Los Angeles mandou avisar o destinatário da chegada da encomenda, para que a fôsse levantar contra pagamento de certa quantia segundo a tarifa de porcos (G. V. 23).

Mas ao receber essa notificação o destinatário reclamou. Os porquinhos da



Índia não deviam ser classificados como porcos vulgares mas sim como animais domésticos. Devia ser-lhes aplicada a tarifa G. V. 144. Donde uma diferença de dez cents em que o reclamante se considerava lesado.

O chefe da estação enviou a reclamação ao inspector da zona e êste, depois de se ter inteirado do assunto, transmitiu o caso à repartição respectiva.

Entretanto a fêmea teve uma ninhada de doze porquinhos. O destinatário foi convidado a pagar o sustento, mas recusou.

A questão subiu até ao director da Companhia que escreveu ao director do Museu de Nova York pedindo-lhe que classificasse definitivamente os animais para solução do litígio.

O sábio tomara, porém, parte numa expedição científica e só no regresso, oito meses depois, pôde responder.

Entretanto os porquinhos tinham continuado a proliferar. As fêmeas lançaram ao mundo mais 70 descendentes e êstes, cruzando-se entre si, deram nascimento tempo depois a 400.

Chegou a decisão do director do Museu de Nova York que classificava os animais como roedores. Era forçoso dar razão ao destinatário. O chefe da estação escreveu-lhe então uma carta convidando-o a vir levantar a encomenda e a pagar 70 dolares por despesas com o sustento dos porquinhos.



A carta veio, porém, devolvida. O reclamante mudara-se sem indicar o novo endereço.

Alarmado com o aspecto que a questão tomava o chefe da estação dirigiu-se ao remetente para êle tomar conta de 1500 porquinhos da Índia. Mas êste recusou-se terminantemente, pois que tendo expedido apenas dois não podia ser obrigado a tomar conta dos restantes 1498.

E em presença duma situação tão delicada, o chefe da estação resolveu dirigir um officio ao director da Companhia a pedir que lhe fôsse indicado o destino a dar aos 5426 porquinhos da Índia que...

— Já não me amas — diz a mulher inconsolável — quando choro nem me perguntas porque é.

— Tenho imensa pena, minha querida. Mas essas curiosidades teem-me custado caríssimas.

O empregado descontente — O meu ordenado não é aquilo que devia ser...

O patrão — Pois claro. Mas se fôsse como poderia o senhor sustentar a sua família?

O poeta Saintfoy estava um dia a barbear-se quando entrou no estabelecimento do «figaro» uma pessoa a quem devia



importante quantia. Pareceu ao crédor o momento azado para exigir o pagamento.

Na impossibilidade de se escapar, Saintfoy respondeu às reclamações do importuno:

Pagar-lhe-ei quando acabar de fazer a barba. Está de acordo?

— Sim senhor.

O poeta dirigiu-se aos presentes:

— Ficam como testemunhas dêste acordo.

E levantando-se, logo a seguir, declarou que a partir daquele dia usaria barba.

O crédor recorreu para o Tribunal, mas a sentença foi-lhe desfavorável. A validade do acordo foi reconhecida, E desde então, o poeta usou sempre umas barbas intonsas que faziam a admiração de quantos o conheciam.

Entre dois amadores de pesca:

— Apanhaste alguma cousa?

— Dois...

— De que espécie?

— O das 7,20 para lá e o das 21,15 para casa.

O pretendente: Senhor, amo sua filha e desejo casar com ela.

O homem de negócios: Está bem! Deixe



o seu nome e morada e se não aparecer nada melhor, escrever-lhe-emos.

O pai, interrompendo a leitura e dirigindo-se às filhas:

— Vocês só falam de vestidos. Não têm outro assunto mais elevado?

— Sim, papá. Agora vamos falar de chapéus.

Entre garotas:

— Que idade tens, Maria?

— Tenho cinco. Mas a minha mãe diz que, se for obediente, no próximo verão terei seis.

LUIZ DE CAMÕES é o cantor suprêmo das Glórias de Portugal, o Cisne Lusitano, divino e excelente, que veio à luz do Mundo na mui nobre e sempre leal Cidade de Lisboa, e que, no frontespício secular de uma tradução francesa da sua obra imortal, figuram no Monte Parnaso, tendo a seu lado a Musa Caliope, abraçando-o, Apolo oferecendo-lhe a lira, a Fama tecendo-lhe a corôa, e a Inveja, de rôjo, despedaçando-se.

Este insigne discípulo da Lusa-Atenas, este terno enamorado de Dulcinea, é aquele esteio da grandeza nacional, a quem, numa tremenda batalha naval, ferida no estreito de Gibraltar, um tiro de mosquete assinalou num olho; e que, naufragando na costa de Cambodge, junto à foz do rio Mecong, salvou, sobre uma tábua, e a nado, o eterno evangelho da Pátria: Os Lusíadas!

A respeito de uma tão portentosa lírica, escreve, no seu «Gabinete Histórico», Frei Cláudio da Conceição, Padre da Província de Santa Maria d'Arrábida, Definidor e Examinador do Patriarcado de Lisboa, e Prêgador Régio de Sua Magestade Dom João VI.

—«No Poema Epico de Luiz de Camões, que consta de dez cânticos e compreende mil e doze oitavas, se admiram pensamentos novos, que ensinam e delectam...

...O Homero Português, o Virgílio Lusitano, fez da Nação Portuguesa o Herói do seu Poema, e o propõe por modelo à mais Nação, para animá-la a praticar aquelas acções de valor, constância, integridade, justiça, e utilidade pública, que conduzem a abraçar a virtude heróica...

...Ali se vê a sã Filosofia, a Moral, a Política, a Geografia, antiga e moderna, a História natural, Grega e Romana, e, com especialidade, a de Portugal. Pelas vivas imagens com que são representadas estas ciências, se imprimem facilmente na memória, e ficam, por assim dizer, esculpidas no coração pelos affectos que sabe mover...

...Aqui se acha pintada, com as mais vivas imagens, a fidelidade e a obediência devida aos Pais e ao Soberano; a esperança de um ânimo invicto nos perigos; a inconstância das grandezas humanas, e o pouco lustre do nascimento, honras, riquezas, dignidades, sem terem o ornato da virtude, valor, ciência, indústria, e amor do bem público.

Dom Nicolau António, notável prosista castelhano, também escreveu na sua «Biblioteca Espanhola»:

—«Em Luiz de Camões, a deformidade da perda de um olho não prejudicou ao seu engenho, porque era abundante, ardente e elevado, capaz de compreender e formar as ideias mais sublimes e expressadas com tal excelência de dicção e vivacidade das paixões, que parece nascera para ser poeta. Não somente os compa-

triosos aplaudiram a suavidade e a ternura dos seus versos líricos, mas também a magestade e a elevação com que êle descreve os feitos heróicos dos capitães famosos que cantou. E não ficou encerrado este favorável juizo das suas obras, nos limites de Portugal, porque foi aplaudido, igualmente, e confirmado pelos mais esclarecidos e discretos engenheiros estrangeiros...

...Imitando sempre a Natureza, soube regrear aquela elevada imaginação, de que era senhor, nos limites do verosimil, e com tal arte descreveu a geografia, animou as cousas inanimadas,

vate possuir tão grandes méritos, nada obteve a que, depois de discorrer, durante dezasseis atribulados anos, por Ceuta, Goa, Molucas, Malaca, Macau e Sofala, e ter recitado e oferecido o seu prodigioso poema, ao Rei Dom Sebastião, que lhe concedeu, em troca, a pensão de quinze mil réis anuais, com a obrigação de residir na Côrte, os seus últimos sete anos de existência, fôsem um rosário de privações e de misérias.

Todos os dias, à noitinha, o seu criado António — um preto Jau, que houvera trazido da

India — percorria as ruas de Lisboa, pedindo esmola para matar a fome a seu amo. A morte deste afeiçoado servo, que o deixou desamparado no mundo, e o agravamento da moléstia, que não lhe permitia angariar recursos, fez com que, almas caridosas, condoídas de tanta desdita, o levassem do seu misero quarto da ladeira de Santa-Ana, para um catre do Hospital dos pobres.

Foi aí que, já vizinho dos espasmos da agonia, ao saber da fatal noticia de Alcácer-Quivir, proferiu: «Quem ouviu dizer, que em tão pequeno teatro, como é de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras? E eu, como se elas não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males, pareceria espécie de dezavergonhamento...» Enfim, acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoado à minha Pátria, que não somente me contentei de morrer em Ela, mas de morrer com Ela!

Momentos depois fenecia o maior génio poético de Portugal — aquele que assim sintetizou um nobre Povo.

*As armas e os varões assinalados
Que, da occidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram inda além da Taprobana;
E, em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força hu-*

*mana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.*

LUIZ DE CAMÕES

PRÍNCIPE DOS POETAS PORTUGUESES



MVISI. ET POSTERITATI. S.
LUDOVICO DE CAMÕES, Equiti Lusitano Poeta celeberrimo,
Museum delictus Gratiarum Alumno Humanarum literarum
Encyclopedico Nec non armata Paladis egregio sator
tori In quo felicissimum Ingenium et adversa Fortuna
Decertarunt. CASPAR SEVERINUS de Faria veram Ingenium enea
Tabula innotam ut qui orbem Jam prima occupavit, presertim
Lacornet. D. D. Q.



Uma termiteira no Congo belga com cerca de 8 metros de altura.

grandes obras, resume todos os conhecimentos da ciência entomológica sobre a vida das térmitas e traça sobre elas um ensaio filosófico de surpreendente profundidade.

Como o escritor belga muito bem faz notar, a térmita representa a vitória da inteligência — ou do instinto se assim preferirem — sobre as condições de vida mais precárias que possam imaginar-se.

Na realidade, a Natureza foi pouco generosa para com este insecto. Fê-lo cego, incapaz de suportar a luz do sol, de tal modo frágil que uma criança o pode esmagar entre os dedos. Mas concedeu-lhe por outro lado maravilhosas faculdades mentais que lhe permitem superar todas estas deficiências.

Dotada com essa arma, a espécie lançou-se na dura luta pela vida e conseguiu assegurar o seu lugar na Natureza. Vejamos como.

Possuidora de vastos conhecimentos de química criou uma argamassa e com ela construiu as suas habitações.

Ficou assim a coberto dos perigos de inundações e dos seus mais terríveis inimigos. Já dissemos qual é a resistência do material empregado pela térmita e o que lhe representa, portanto, como meio de defesa.

Do modo como consegue construir a sua habitação de dentro para fora pouco se sabe. Pôde observar-se que durante a edificação cada térmita deposita uma gota dum líquido especial que segrega no corpo e imediatamente outra vem colocar no mesmo sítio um minúsculo grão de areia. Esta operação repetida milhões de vezes é que dá origem a essas imponentes construções que chegam a medir sete a oito metros de altura.

Mas esta fortaleza de cimento não é suficiente para a proteger, pois pode acontecer que um acidente produza nela uma abertura. Privada de meios de

Uma rainha com o ventre monstruosamente deformado, cumprindo sem descanso a função de poedeira



UM MUNDO À PARTE

Civilização de insectos

Usos e costumes das estranhas repúblicas de formigas brancas

defesa, a térmita não poderia opôr-se ao invasor. Existe, porém, entre elas uma casta à parte, que são os guerreiros. Armados de enormes mandíbulas são eles os encarregados de velar pela segurança da república. Parecem ser insensíveis ao terror, pois quando todas as térmitas fogem espavoridas só eles se conservam no seu posto.

Se por uma abertura quaisquer outros insectos procuram introduzir-se na termiteira, os guerreiros fazem-lhes frente, enquanto as obreiras fecham por trás todas as saídas. Quasi sempre a colónia fica assim salva, mas os pobres soldados, com a retirada cortada, não têm qualquer possibilidade de salvação.

Parece averiguado que as térmitas podem regular à sua vontade a transformação dos insectos que nascem, em soldados, em obreiras, ou mesmo em rainhas, — que são neste caso as poedeiras — mediante um tratamento especial do ovo.

Apesar disso, succede que chegam por vezes a reconhecer que o número de guerreiros é excessivo para as necessidades de defesa da termiteira. Procedem então à eliminação duns tantos. Como? Cada guerreiro não pode, em virtude das suas enormes mandíbulas, alimentar-se. Basta, portanto, que lhe cortem os víveres para que, ao fim de algum tempo, o infeliz morra de fome.

Idêntica sorte sofre a rainha se a sua actividade como poedeira deixa de satisfazer as exigências da termiteira. Acontece às vezes existirem, dentro da mesma termiteira, duas, três ou mesmo mais rainhas. Têm o ventre desenvolvido em proporções monstruosas e o seu volume chega a ser duas mil vezes maior que o do insecto normal. A postura faz-se ininterruptamente e alguns sábios calculam que durante a vida uma destas rainhas

ponha de dez a trinta milhões de ovos. A voracidade das térmitas é espantosa. E o mais curioso é que realizam a sua obra de destruição implacável sem serem pressentidas. Minam lentamente as madeiras e a sua actividade pode representar a ruína dum prédio, quando não dum cidade inteira. São sem dúvida alguma um perigoso inimigo do homem e nalguns pontos da Austrália houve que ceder-lhes terreno e renunciar à luta, pois a despeito de tudo proliferavam de modo espantoso.

Maeterlinck cita no seu livro "A vida das térmitas", a que já nos referimos: alguns casos que evidenciam a tenacidade e poder destruidor deste insecto na aparência insignificante.

Um agricultor de Queensland deixou uma carroça perto dum termiteira, sem



Térmitas conversando uma brecha feita na superfície do seu edificio

Na perseguição de qualquer inimigo, o insecto consegue fugir por entre as termiteiras sem que, apesar da sua força gigantesca, lhes consiga fazer qualquer dano

disso se aperceber. No dia seguinte encontrou só as ferragens. Tudo o que era madeira desaparecera, como se houvesse sido hábilmente escamoteado.

Outro colono regressou a sua casa após cinco dias de ausência. Tudo parece estar intacto. Mas quando vai a sentar-se numa cadeira, esta desconjunta-se, o soalho abate, as portas desfazem-se. A casa sustentava-se de pé por um milagre. Momentos depois era um montão de destroços.

Ao realizarem a sua obra de destruição, os térmitas velam cuidadosamente por que um acidente não venha interromper-lhes o trabalho. Perfuram uma trave, por exemplo, e só poupam a superfície, de modo a não se denunciarem. Mas se o conjunto ameaça desmoronar-se tomam a precaução de o consolidar com o seu famoso cimento. E por isso quando o homem chega a dar-se conta da sua acção já é, geralmente, demasiado tarde.

Algumas proezas das térmitas têm foros de acontecimentos históricos. Assim, em 1840, um navio empregado no comércio de escravos foi capturado e conduzido para Jamestown, capital da ilha de Santa Helena. Uma pequena térmita do Brasil tinha-se introduzido a bordo e dali passou à ilha. Tempo depois, a maior parte da cidade estava destruída. Foi preciso organizar uma verdadeira campanha contra o nocivo insecto e o prestígio da espécie humana correu durante essa luta grave risco.

Conta-se também que em 1879 um navio de guerra espanhol terminou ingloriamente a sua carreira no porto de Ferrol, destruído por uma das muitas espécies de térmitas que se conhecem.

Conhecem-se em Portugal diversos casos de invasões de térmitas que não revessem, felizmente, um aspecto alarmante. Deve-se essa circunstância ao clima, pois a térmita não está preparada para resistir a temperaturas inferiores a 20°. Como se alimentam da celulose da madeira e esta não é assimilável, têm nos intestinos certos protozoários que digerem a celulose e são depois digeridos pela térmita. Abaixo de 20° os protozoários morrem e a térmita sucumbe pouco tempo depois à fome.

Mas nos países tropicais o seu poder agressivo é assombroso. Sabem vencer todos os obstáculos que se procura antepôr-lhes. Chegam a penetrar nas latas de conserva, mercê da sua prodigiosa ciência química. Enfraquecem o metal por meio dum líquido corrosivo e furam-no depois



Um indígena espreitando a casa oculto por uma gigantesca termiteira

com facilidade. Se se pretende pôr qualquer cousa fora do seu alcance suspendendo-a sobre vidros para que o insecto não consiga subir pela superfície polida, é tempo perdido. Possui um líquido que dissolve a sílica e com que correm o vidro até lhe dar uma superfície rugosa por onde vão e vêm sem dificuldade.

Pelo que fica dito, e que é um esboço muito resumido dos mistérios e prodígios da termiteira, pode formar-se uma ideia do grande número de problemas científicos e filosóficos que ela encerra.

Como vimos, a térmita não obedece a impulsos rígidos e imutáveis, antes todos os seus actos revelam um espantoso poder de adaptação às infinitas exigências do destino.

Atribuir êsses actos ao instinto, é neste caso, uma resposta cômoda que só tem o grave inconveniente de nada explicar.





O ÚLTIMO DIDUM IMPÉRIO

O imperador Guilherme II e o ano heróico dos seus generais

Até fins de 1914, a família imperial permaneceu despolitamente aos quatro cantos de Alemanha a troa-a a que fôra içada pela devoção popular. O Kaiser então estalou: nuava a ser o mesmo simpático demônio e a impensável Abaixo o Kaiser! Abaixo o despota! Augusta Vitória que, mal tocou a bota selas, por sua vez, a certa altura o governo, boa parte da imprensa, o ao estilo de Felipa de Vilhena, preparara para os senhores burguesia liberal, a sua encontrava-se de acôrdo em filhos a equipagem de combatentes, dera sempre o mesmo a renúncia do soberano. Era chanceler o príncipe exemplo de coragem moral e humanidade. Por fim, quando da Bade, aquele que merecera este proloquio das o luto bateu a todas as portas, pelas ruas só se viam suanças gerais: Pax per Max, à testa dum ministério pas pretas, braços ao peito, queixos empanados; com suas esquadras, incluindo social-democratas. Mas para famumurar-se que a Divina Providência tivesse cuidados com a paz, sem destreze nem diminuição da terra alemã, ciais para com os príncipes, pois que nenhum deles se lembra de mais nada havia que baldear o imperador pela ainda a mais pequena arranhadura. Adalbert achava-se fora. Não viam outro processo de conjurar a cólera meio de estar sempre noivo e passar em licença os seus aliados, sobretudo depois que Wilson declarara que um semelhante homem era impossível tratar. Porven-tais palavras não envolvessem a idéia da abdicação. Sentia-se, porém, que a opinião entrangreira requeria um manifesto da queda do militarismo germânico, na forma de dar realidade imediata a tal desideratum daquela. Um armisticio em condições aceitáveis dependia disso. Desde que este pensamento tomou corpo no meio de governantes e governados, Guilherme II estava adado às feras. Poderia valer-lhe o exercito; mas o exercito pulso pelo general quartel-mestre respondeu que a secundaria quaisquer veleidades de resistência contra a vontade popular. As próprias tropas prussianas tem a saber que lhe não obedeceriam em caso de guerra civil. A sentença estava lavrada, mas este homem ontem todo heroico, amado incondicionalmente, ultima personifica-

Mais um livro de Aquilino Ribeiro - «Alemanha ensangüentada» - a aparecer brevemente em que o formidável prosador nos leva através de regiões desconhecidas em visita à Única Verdade.

A realização dum tal prodigio só poderia caber a este escritor que não carece de adjetivos para brilhar.

O mais glorioso titulo que pode usar é o seu nome - Aquilino Ribeiro. Poderiam fazê-lo conde ou marquês que o seu nome, o seu unico nome, continuaria a fulgurar numa irreverência justissima pelas cartas de mercê. O autor das «Terras do Demo», do «Jardim das Tormentas», das «Filhas da Babilônia», da «Maria Benigna», e da «Batalla sem fim» entrou na mais bela das consagrações pelo pórtico da alma popular que o sente, o aprecia e o prefere.

Quando escreveu o seu livro «É a guerra» que constitui o mais perfeito diário da conflagração europeia, conseguia um verdadeiro triunfo. Tinha decorrido já vinte anos sobre essa terrível carnificina que ensangüentou o mundo.

Vinte anos! Pois Aquilino Ribeiro com o seu pujante talento, resuscitou o tema que muitos consideravam seído em face de milhares volumes que outros tantos escritores tinham dedicado ao mesmo assunto.

As paginas do livro de Aquilino Ribeiro tinham qualquer coisa de novo e de empolgante.

Agora vai surgir outra obra «Alemanha ensangüentada».

Aquilino, o Briareu da boa prosa, levanta-se em toda a sua pujança magnifica. É um Titão que vence os seus antigos irmãos mitológicos.

Portanto, a «Alemanha ensangüentada» será mais uma prova dessa enorme facilidade de Aquilino Ribeiro.

Na National Bibliothek palestro dilatadamente com o director, Dr. Schwenke, homem baixo, delicado, nada prussiano, em correspondência comigo desde o ano passado em que lhe fiz um estudo sobre o exemplar da Bíblia de Guttenberg existente no casarão de S. Francisco. O Dr. Schwenke, maduro por seus anos e o trabalho intelectual, parece não

ter acalentado ilusões nem se admirar com estes devários do tempo e da fortuna. Vive para os seus emilhões e incunábulo, a sua faia de chefe bibliotecário e de bibliógrafo, história de encadernação através dos séculos, história da Bíblia de Mogúncia, e descubro-lhe na fisionomia e nas maneiras não sei que placidez e harmonia hirta, como que reflexo dos caracteres, largos e repoisantes aos olhos, do prelo gótico.

A seu ver é por abuso de raciocinio que o Kaiser se tornou o cabeça de turco dos desastres que desabaram sobre a Alemanha, desde a calamidade da guerra à catastrophe da paz. O povo alemão não lhe atribui a responsabilidade do conflito, porquanto seria perfiñar a tese dos aliados, mas não lhe perdoa que, por fas ou por nefas, tenha merecido essa imputação, hipócrita ou sincera não importa, do mundo todo. A verdade é que, risum tenentis, alcançou a fama imorreitoria de maior tirano da história, deixando Nero a perder de vista, a titulo de que se cifram por milhões as vidas moladas à sua megalomania. Afinal, profundando bem, Guilherme II não foi mais que um prisioneiro do poder que ajudou a criar, pangermânico e militarista ao mesmo tempo. Durante a guerra nem dirigiu a guerra nem preparou a paz, toda a sua interferência se resumindo em fazer a naveta de Oeste para Este e vice-versa, no glorioso papel de concededor um official vencedor, passar revista às catervas de prisioneiros, dirigir a sua proclamação às tropas escrita pelo punho de Ludendorff. As operações conhecias pelos comunicados officiais, cujo conteúdo o Estado Maior tinha a deferência de lhe transmitir minutos antes de serem lançados por Nauener ao mundo ançioso. Aos intimos lastimava-se!

— Não me dizem nada!



é retardada. Batalha após batalha, miséria e mais miséria, todos os flagelos se desencadearam sobre o país e caíram as escamas dos olhos do alemão até dos próprios cejos da guerra. Um destes, visitado no hospital pela imperatriz, dissera repellido as rosas que ela andava a distribuir de cama em cama: — Não quero as suas rosas para nada; dê-me os meus olhos!

As gravuras que ilustram este artigo representam as cartazes que incendiarom as paróides das ruas de Berlim, logo após a guerra, proclamando as direitas germanicas a Alta Silesia contra as pro-priedades polacas.



ção do direito absoluto, recusava-se a aceitar que a sua fortaleza se podesse comparar em consistência ao fumo ligeiro. Queriam sangue fraterno, ser-lhes-fa feita a vontade.

O primeiro general quartel mestre Groener era contrário à deposição. Segundo ele, esta nada resolveria, nem a situação interna caótica e atribulada, sobretudo, pela crise de mantimentos, nem a situação externa, porquanto a aversão dos aliados pelo Kaiser não passava da máscara hipócrita do seu furor contra o povo germânico.

Se julgavam que pelo facto de Guilherme II se sumir por um alcapão ganhavam alguns pontos ao jogo com partners daquelle calibre, sem lei nem santidade, illudiam-se deploravelmente. Era preciso coisa mais alta, mais retumbante que a renúncia pura e simples. E o general, formado na escola das velhas virtudes alemãs e no espirito de cavalaria da raça, para salvar a monarquia batida em brecha pelos inimigos natos e trazidos nas águas envoltas da adversidade; para redourar o prestígio pessoal do imperador e da sua estirpe, muito abalado pela sua inépcia ou má sorte; para provocar no mundo um verdadeiro movimento de patético, de sublime, que assombrasse uns e fizesse vibrar a corda emocional doutros, ao sabor do qual seria possível conciliar a bem da causa alemã o resto de cavalheirismo e dignidade que havia nas almas - o general propunha que Guilherme II, uma bela manhã, num fortíssimo e destemido raide às linhas inimigas, se fizesse matar heróicamente. Era o resolutivo in extremis, de acôrdo com a mystica que o imperador alimentara por gestos e vozes durante a paz, com a tradição da sua casa, com a altanaria e brio germânicos, susceptível dalgum efeito. Que tomasse um corpo de tropas das mais selectas e corresse para a morte com o animo do rei Codro que salvou a pátria oferecendo-se-lhe em holocausto! O mundo todo vibraria; porventura os presidentes

do estôfo de Wilson, sentimentaleiros e parlapatões, os reis seus primos, parentes de sangue e cognatos, os príncipes ontem seus comensais, os ingleses que ainda lêm a Bíblia, abrandassem na raiva de exterminio contra a Alemanha. Era a tentar. Mesmo que se perdesse o efeito realista desejado, o eco moral seria estupendo. As próprias feras esfaimadas Northcliffe e Clémenceau teriam de inclinar a cabeça perante aquele sacrificio.

Afinal esta resolução heróica e desesperada não fôra planejada apenas por Groener. O ex-chanceler Michaelis tinha feito igual proposta à imperatriz Augusta Vitória, tendo em conta o seu animo varonil e abnegado, para que a transmitisse ao espóso. A única variante é que o imperador far-se-ia acompanhar dos nobres da Prússia e da Pomerânia, da aristocracia dos vários reinos e ducados, oferecendo em pábulos ao inimigo feroz e ao Senhor ofendido uma hecatombe inominável. Conta-se que o romântico projecto foi submetido ao parecer de Hindenburg. O general feld-marechal respondeu ásperamente:

— Estão doidos!
Até o derradeiro instante em que o telefone de Berlim comunicou para Spa que o governo entregaria a agência Wolf a proclamação da renúncia imperial, redigida pelo príncipe de Bade em face da revolução, Groener meditou no dramático expediente. Guilherme II não esteve pelos autos. A sua fineta obsediante era marchar contra o interior, à testa das tropas, embora, desguarnecendo a frente occidetal, o inimigo galgasse como avalanche montes e vales da Vesterland. Mas os escarpotes cinzentos não faziam face aos escarpotes cinzentos. Uma notícia alarmante começou a circular:

— Vêm aí 10.000 insurretos da marinha, armados até os dentes!

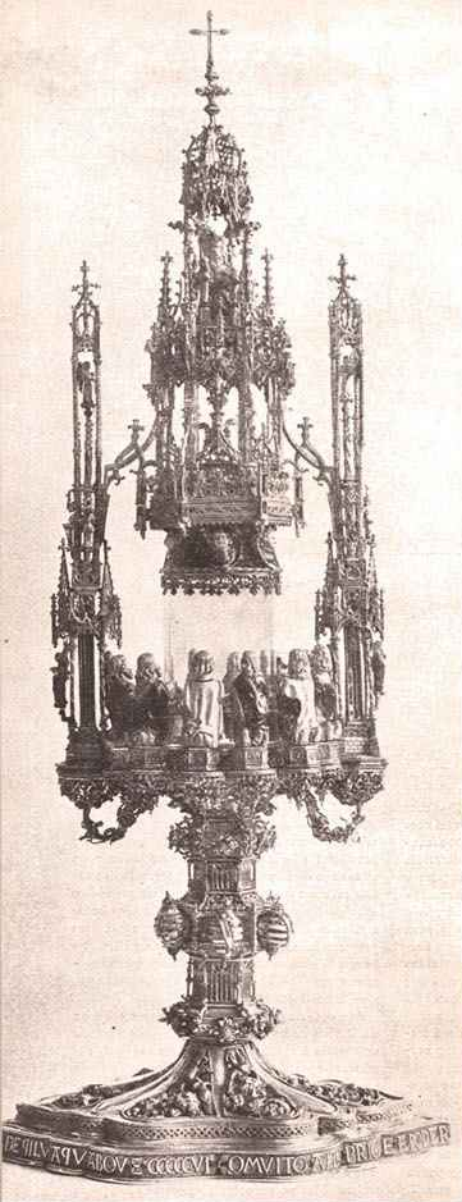
— Há o recurso de passar à Holanda - alvi-trou o general feld-marechal.

Na alla do dia seguinte, quatro automóveis escuros como o céu deixavam Spa e conduziam aos Países Baixos, por Eysden, o espectro dum dos maiores pontoados da terra.

Berlim, 5-9-30.

Aquilino Ribeiro.

(Do livro: «Alemanha Ensangüentada».)



rónimos feita com o primeiro ouro chegado da Índia.

Mas se há tantas preciosidades dispersas na nossa terra porque não havemos de as atrair ao local onde devem estar por legítimo direito?

Calcule-se o que teria acontecido se os nossos antepassados se limitassem a contemplar os quadros dos mais antigos pintores portugueses. Os museus apresentariam alguns trabalhos de Nuno Gonçalves, Grão Vasco e Domingos António de Sequeira, não dando margem a que florescessem Silva Pôrto, Malhoa, Columbano, Veloso Salgado e tantos outros artistas gloriosos.

Foi D. Sancho I quem deu primeiro grande impulso à arte de ourivesaria em Portugal, mandando esculpir vasos sagrados e outras alfaia do culto divino. Não mostram esses trabalhos grande perfeição na execução nem gosto artístico. Mas se era a primeira tentativa, que mais poderia desejar?

No tempo de D. Fernando, quando o comércio marítimo, excitado e protegido por várias leis sábiamente meditadas, começou a trazer a Lisboa diversidade de produtos de indústria estrangeira, alguns vieram exercer uma influência benéfica no nosso movimento industrial e artístico. E os que produziam este resultado foram evidentemente os vasos sagrados e os paramentos de brocados e damascos bordados a ouro para o serviço dos templos.

Reinando D. João I começaram a aparecer no país relicários e vasos sagrados, cinzelados em prata por ourives na-

A custódia de Belem de Gil Vicente.

cionais conforme o puro estilo gótico que então dominava.

Com D. Manuel, a ourivesaria portuguesa atingiu um altíssimo grau de perfeição e de bom gosto, sendo documentos eloquentíssimos a formosa custódia de Belem executada por Gil Vicente, a cruz de prata esculpida pelo mesmo artista e formosíssimas baixelas que os reis ostentavam nas suas mezas.

PRATAS DE ARTE

Onde poderemos ver as mais preciosas peças da nossa arte de ourivesaria?

Gil Vicente brilhava em Lisboa, e Pedro Alvares em Guimarães.

A catástrofe de Alcaer-Kibir, a perda da independência, os sessenta anos de sujeição a Castela, e os vinte e sete da guerra da restauração lançaram as artes portuguesas num grande deffinamento.

Só após o descobrimento das minas de ouro do Brasil é que a ourivesaria começou a receber novos alentos. A fundação do convento de Mafra, o amor do luxo e da ostentação em que D. João V tanto se evidenciou, abriram uma nova época de florescimento para as artes. Os ourives encontraram poderoso estímulo na magnificência e generosidade do monarca, e proveitosa lição nos vasos sagrados e outras alfaia de prata que o mesmo soberano mandou vir do estrangeiro para serviço de diversos templos. Voltou a ourivesaria portuguesa a desenvolver-se e a prosperar, de modo que, ainda sob o reinado de D. João V, produziu obras que poderiam competir em elegância de formas, e em beleza e primor de trabalho, com os mais excelentes produtos da ourivesaria estrangeira. Entre a enorme quantidade de peças de prata e ouro da igreja patriarcal de Lisboa que o terremoto e o incêndio subsequente destruiu, havia muitas de grande beleza pela opulência de ornamentação e excelência de trabalho, executados por artistas nacionais.

Mas de todos os templos portugueses nenhum competiu com a catedral bracarense na quantidade e riqueza dos objectos preciosos que se guardavam no seu tesouro. Quasi todos os seus prelados ali depositaram, por ofenda, algum vaso sagrado, relicário ou outra qualquer alfaia de prata de maior ou menor valia. A maior parte dessas riquezas foi roubada pelos franceses durante a invasão de Soutel em 1809.

A arte de ourivesaria em Portugal é, talvez pela sua tradição, a que mais tem mantido o seu caracter de continuidade, apesar de não ser ainda ministrado o seu ensino como conviria para a sua elevação. Os seus cultores que, desde sempre, se têm imposto à admiração geral, são verdadeiros auto-didatas.

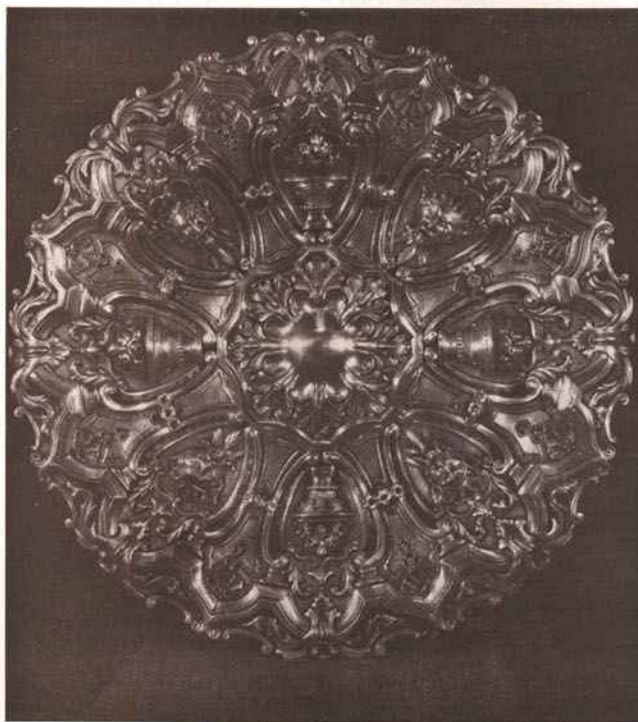
Vem a propósito recordar a obra do falecido lavrante de prata Augusto Luís

de Sousa que, durante 66 anos de trabalho intenso, produziu as mais belas peças que se dispersaram por particulares. Na última Grande Exposição Industrial Portuguesa foram admirados alguns dos mais preciosos trabalhos deste grande artista.

A obra de tão notável profissional impõe-se pela sua admirável técnica, cuja sua firmeza de mão — de cinzel — não é vulgar encontrar-se na ourivesaria portuguesa.

Começou muito novo a laboriosa carreira que o deveria levar longe, e só assim se compreende que tivesse atingido aquele grau de perfeição que o impôs e continuava a impôr, e levando-o sempre, graças à experiência de dado momento, à admiração que conquistou e foi resul-

Um fruteiro de Augusto Luís de Sousa.



tante duma aplicação constante e inteligente.

Apraz-nos evocar esta grande figura que tanto se elevou, e erguê-la agora para fazer reviver a sua obra que é o exemplo bem frisante de que nenhuma realização é possível sem profundos conhecimentos técnicos.

Para Augusto Luís de Sousa, a sua profissão não tinha segredos, possuía-a completamente, dominando o duro metal que lhe era sempre passivamente dócil, extremamente obediente.

Conhecemo-lo de perto e, por isso o apreciamos duplamente, já pelo conjunto admirável das suas qualidades, já pela obra que nos legou, e é, acima de tudo, o reflexo dessas qualidades.

Como todos os grandes espíritos nimbou a sua obra daquele entusiasmo feito de juventude e de honestidade elevado ao máximo.

Final, as suas obras dizem mais, dizem tudo aquilo que nunca poderia caber no exíguo limite dum artigo. Temos a certeza de que todos aqueles que nos lerem, irão fazer a pergunta que tantas vezes nos temos feito:

Onde poderemos ver as suas obras?



Augusto Luís de Sousa.

Onde? Tem a palavra o Museu de Arte Contemporânea... No tempo em que Bonaparte assolava o mundo e fazia transportar para Paris as mais belas obras que encontrava nos museus por onde ia passando, toda a gente sabia onde encontrar as mais belas preciosidades.

Esses tempos passaram e temos a certeza de que ninguém, no mundo, deseja que eles voltem.

Os museus são constituídos pelo esforço lícito dos homens de bom gosto e de boa vontade. Pode ser levado a efeito à americana, isto é, à força de milhões de dólares. A Europa pode ter muito amor às suas obras de arte, mas, perante o brilho mágico do ouro, deixa-se deslumbrar e vende, vende tudo o que o norte-americano lhe cubiça.

Se até se venderam castelos feudais que eram transportados, pedra a pedra, para a outra banda do Atlântico.

Foi por isso que todos os países europeus se defenderam, lançando leis que proibiam a exportação do seu património artístico.

Em boa verdade, seria interessante ver fulgir as mais belas peças da nossa ourivesaria no lugar condigno.

Julgamos até que tudo isso poderia ser conseguido sem grandes sacrifícios.

Cabe-nos o direito de exaltar o que é nosso, muito nosso e honra o nome de Portugal.

A nossa Pátria tem artistas, grandes artistas que os estrangeiros muito admiram. Porque não lhes havemos de tributar a nossa homenagem? Não será isto um motivo de orgulho para todos nós?

Aludimos a pratas? Muito bem. Para sermos grandes basta-nos a "prata da casa".

PORTUGAL possui verdadeiras maravilhas de ourivesaria, e, no entanto, não apresenta ainda nos seus museus da arte contemporânea uma secção em que refuljam autênticas obras de arte dispersas por esse país fora.

Sabemos que existem os tesouros das Sés de Braga, de Lisboa, e de Evora, e da Colegiada de Guimarães, e ainda a cruz de D. Sancho e a Custódia dos Je-



COM a vitória final do Football Club do Porto, terminou o primeiro campeonato da Liga, organizado pela Federação Portuguesa e que encontrou no público o mais favorável acolhimento.

Dois aspectos do desporto de Colónia, em que a Espanha venceu a Alemanha. Em cima a entrada dos jogadores espanhóis no campo. Em baixo a imponente multidão que assistiu ao jogo

O acaso orientou os acontecimentos de maneira a revestir o último encontro do torneio, disputado pelo Football Club do Porto e pelo Sporting Club de Portugal, de fóros de verdadeira final, reunindo por esse motivo uma assistência considerável nas instalações modernizadas do Estádio do Lumiar.

Não pretendemos bordar considerações sobre este jogo memorável que terminou por um empate a duas bolas e à cerca do qual tudo foi já escrito nos jornais de especialidade; basta-nos reconhecer que o resultado deve ser considerado absolutamente normal dentro das condições particulares em que decorria a luta, e se o Sporting mostrou em largos períodos que poderia ter vencido por margem suficiente para conquistar a primeira classificação, também os portuenses provaram adaptar-se com inteligência à tática que a sua posição privilegiada lhes aconselhava, fugindo a audácias de resultados incertos.

Temos, portanto, um primeiro vencedor da Liga que, por coincidência foi também o primeiro campeão de Portugal — nas duas provas encontrando pela frente o mesmo brioso adversário — e um franco triunfo para a Federação, cujos dirigentes puseram na organização da prova o maior disvelo; sob o ponto de vista desportivo teríamos portanto apenas motivos de satisfação se uma incompreensível rivalidade entre Lisboa e Porto não houvesse criado um ambiente intolerante a que é necessário pôr cõbro.



O desporto de competição, sujeito a regras definidas e subordinado ao critério superior de técnicos e administradores de cuja honestidade e rectidão é absurdo duvidar, deve — para ser desporto — servir de laço de aproximação entre os competidores, os quais lutam com o máximo empenho pela vitória legítima, mas acabaram fraternalmente depois de terminado o embate. Toda a influência exterior que procure desvirtuar este princípio essencial é severamente condenável e são autênticos criminosos aqueles que utilizam os seus recursos de influência no espírito público para lançar suspeições e fomentar desacórdos.

Lisboetas, portuenses, setubalenses, comnimbrienceses, todos os jogadores da Liga são unicamente portugueses, e que ganhem os melhores, fazendo alarde de progresso e excelente forma, será sempre motivo de regoijio para os espíritos bem formados pois esses serão, no momento oportuno, os defensores do brio nacional, sem distinção de regiões.

Este mês e o próximo serão ocupados

A QUINZENA DESPORTIVA

em Portugal e no estrangeiro

pelos jogos do campeonato nacional, prova de características particulares e cujo valor emotivo se afirma de jornada para jornada; fazemos votos para que decorra norteadada pelo melhor espírito desportivo, numa atmosfera de nobreza e cortezia que não desminta a missão educativa do desporto.

■
Duas importantes corridas ciclistas tiveram lugar durante a quinzena: os cem

placávelmente. O facto verifica-se sempre que há montanhas a escalar, tendo, por exemplo, encontrado certificado na ascensão da serra da Estrela na volta a Portugal de 1934, na qual sete homens chegaram juntos às Penhas Douradas, coisa que nunca sucedera nas anteriores organizações.

A corrida contra relógio, modalidade inédita no nosso meio, foi mais um êxito técnico para a União Velocipédica, pondo à prova o esforço puramente atlético dos nossos azes que se saíram airosoamente da tentativa realizando média quilométrica nunca alcançada.

■
Os espanhóis devem a esta hora haver esquecido o amargor provocado pelo empate que lhes impusemos no encontro das seleções de football. Dar-se-ia, até, que o destino caprichou desde esse dia 5 de Maio em proporcionar-lhes êxitos inesperados e a satisfação de todas as ambições.

O cinco espanhol de Basket, apesar de pouco habituado às lutas internacionais, arranca no primeiro campeonato da Europa organizado na Suíça, um honroso segundo lugar que excedeu os mais otimistas prognósticos; na semana seguinte o grupo nacional de hockey em campo, disputando o torneio de Bruxelas, autêntico campeonato europeu que reuniu oito nações, bateu a Bélgica e a Austria, sucumbiu ante a Alemanha mas logrou o quarto lugar após haver perdido com a Holanda num jogo que merecera largamente ganhar. Finalmente, o mesmo onze que no Lumiar cedera ante o entusiasmo e a energia dos nossos jogadores, alcança em Colónia uma brilhantíssima vitória por 2-1 sobre a metódica Alemanha, cujos representantes não conseguiram impôr a sua tática preconcebida ao jogo rápido e inspirado dos vizinhos ibéricos. A imprensa alemã classifica de maravilhosa a equipa espanhola e tece a alguns dos seus ele-

mentos os maiores elogios. Quincozes volta a ser a melhor da Europa, tal como fóra há um ano no campeonato do mundo, e Eizaguirre, Ventolrá e Cilaurreu foram depois dêle os homens que mais favoravelmente impressionaram os críticos. É curioso notar que nunca um encontro internacional de football despertara na Alemanha tanto entusiasmo. Dos 73.000 lugares que o estádio comporta não restava um único livre um mês antes da data do jogo; calculam-se em 200.000 as pessoas que quiseram e não puderam presenciar o encontro.

A cidade de Colónia apresentava uma animação extraordinária, tendo recebido vinte e três combóios especiais e milhares de "autocaros" que trouxeram espectadores de todo o território germânico. A organização foi impecável; na tribuna da imprensa entraram 250 jornalistas oficialmente acreditados, sendo instaladas quinze linhas telefónicas.

■
O humorismo inglês, frio mas mordente, tem tradições universais e também no campo desportivo se não desmente. O Chelsea, club londrino cuja actuação tem sido ultimamente lamentável, é a vítima preferida para todas as aneddotas e pilhérias das quais, porque na verdade tem graça, reproduzimos algumas:

— Um rapazito pede ao pai dinheiro para ir ao animatógrafo. "A fita é muito linda e dizem que faz chorar." "Toma, responde-lhe o pai, vai antes ver jogar o Chelsea e vens de lá com o coração despedaçado."

— Os jogadores reservas do Chelsea estavam jogando no seu campo um encontro de football e, entre êles, um havia que não lograva coisa certa, acumulando erros e deficiências. Ao fim de algum tempo, um espectador já aborrecido grita-lhe da bancada: "Toma cuidado, olha que se não joga melhor para a semana próxima metem-te na primeira categoria!"

— Num jogo em que o Chelsea estava

sendo copiosamente batido, uma voz vinda da assistência por detrás de um balis, interroga o guarda-redes: "Então os teus avançados são incapazes de marcar pontos?" "Não sei dizer-lhe, responde voltando-se o guarda-redes, só há três anos que jogo no clube!"

— Durante uma viagem de travessia da Mancha, quatro ingleses travaram conhecimento e a conversa recaiu naturalmente sobre assuntos de football; um dêles apostou em como era capaz de conhecer, pelo exame das fisionomias dos outros, qual o clube de que eram partidários. Com grande pasmo dos dois primeiros descobriu que eram, respectivamente, entusiastas pelo Arsenal e pelo Aston Villa.

— "O senhor, diz êle voltando-se para o terceiro, tem por favorito o Chelsea." — "Pois engana-se, meu caro amigo; estou assim com esta cara porque é a primeira vez que embarco e sinto-me enjoado."

— A primeira categoria do club deslocara-se a uma cidade próxima para disputar um encontro de campeonato. Ao regressar era esperada na estação por alguns adeptos a quem interessava conhecer o resultado do encontro. Interrogado o capitão, ao pôr pé em terra, reconheceu que haviam sido mais uma vez derrotados queixando-se, porém, do árbitro, cujas desisões bastante os haviam prejudicado.

"Calculem os senhores que até acabou o jogo dois minutos mais cedo, numa altura em que estavam dominando e pederíamos arrancar o empate."

"Então, por quantos estavam a perder?" — inquire um dos auditores.

"Só por nove a zero!" — concluiu o jogador muito seguro do seu papel.

E aqui fica uma amostra do que os humoristas se lembram para ridicularizar o Chelsea.

Salazar Carreira.



Anima fotografada junto a chegada da prova dos 100 quilómetros. Vê-se Marquês à cabeça, seguido por Trindade e Aguiar da Cunha



Victor Hugo — gravura de Benjamin Rabaud

Bastaria a acção que desenvolveu em pró da libertação da França para tornar Victor Hugo um dos mais notáveis homens do seu tempo. Foi mais longe, no entanto.

Essa criança que Chateaubriand classificou de "menino sublime", havia de transformar-se num astro que fecundou a vida universal, um sol que ainda dá clares vivíssimos que só os mócios procuram evitar.

Repare-se que o seu coração de homem generoso tomou parte em todos os factos da vida do escritor e grande alma iluminou

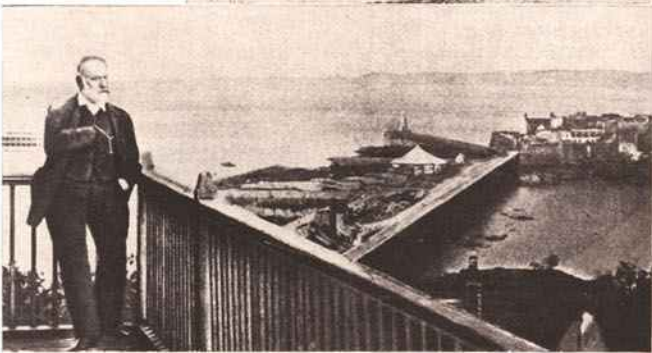
o político. A sua vida foi um movimento do seu corpo. Victor Hugo foi um verdadeiro sacário de amor, de piedade e de justiça.

Impôs-se sempre pela sua grandeza. Na vida amorosa de Victor Hugo aparece uma senhora brasileira que foi a causa da maior paixão do poeta.

Chamava-se D. Rosita Rosa e casara aos catorze anos com o pintor Augusto Biard que era

Victor Hugo, por Gill

Victor Hugo no terraço da sua casa em Guernsey



O mundo inteiro comemorou o cinquentenário da morte de Victor Hugo que ficará para sempre como a mais alta figura do século XIX, bem que pese a muitos analfabetos aliterados que se julgam no direito de arrastar ante os nossos olhos uma petulância digna de dó.

Victor Hugo, apesar de tudo, continúa a ser um astro a iluminar o Universo com o fulgor do seu génio.

Só com o seu livro "Os Miseráveis", conseguiu mais extraordinárias victórias através do Mundo do que tódas as legiões napoleónicas. Como paladino da Liberdade deu o mais nobre exemplo.

Enfrentou o sobrinho de Buonaparte que atraíçava a República, e declarou-o fóra da lei.

E é vér como o poeta salta para as barricadas, gritando à multidão que o ovacioná:

E' vê-lo nas suas formidáveis proclamações ao povo, fazendo-o vibrar de entusiasmo, e, com êle, a Europa e o mundo inteiro.

E' vê-lo como trata Napoleão III nas páginas fulminadoras de "Les Châtiments", exautorando-o e deixando-o, por fim, reduzido a um farrapo de coisa sem classificação, nem nada:

Quando Cesar reinava e ao lado do triste eunuco, Quando Tibério, Nero e Calígula riam, Pisavam Roma aos pés, imersa em torpe sono, O poeta agarrou os verdugos no trão, E marcou-os com o ferro em brasa do seu verso. Tu, falso Napoleão, ridículo e perverso, Que a mãe fez almirante e fidalgo a mulher, Tu reinas por Dezembro e firmas-te em Brumaire. Mas agarron-te a Musa, e agora, solitário, Estremeces nas mãos do grave historiador. Contudo, ainda tens uma ideia irrisória: Dizes em teu orgulho: "Eu vou passar à História!" Não, bandido nocturno! o templo te é defeso; Não, tu não has de entrar na História. Por desprezo, Mého pelado, anáçrojo humano, bêsta morta, Has de ficar de fóra, e cravado na porta!

VICTOR HUGO — LUZ ETERNA!

A sua obra gigantesca é o mais sólido alicerce do tão desejado edifício da Confraternisação Universal

quarentão. Hugo escrevia num tristíssimo lamento:

Son mari fût un vieillard; Dieu brisa cet hyménoé De Trop tôt avec Trop tard.

Não se compreende muito bem o espanto do poeta que tinha apenas dois anos menos do que o marido de Rosita!

Pouco tempo durou êste casamento. Ao cabo de dez meses, o pintor morreu, deixando campo aberto a Victor Hugo que passou logo a cantar os pêsinhos de Rosita, tão pequenos que cabiam na palma da mão.

Rosita, embora seja o diminutivo de nome espanhol, é muito usado no Brasil, especialmente nas regiões do sul que confinam com países de língua espa-



nhol. Rosa é um apelido de família usado por mais duma família do Rio Grande do Sul, no Brasil. Repare-se ainda que Victor Hugo dava frequentemente o tratamento português de Dona à sua adorada Rosita:

Apprenez qu'elle se nomme Dona Rosita Rosa...

E salienta:

Elle est joyeuse et céleste! Elle vient de ce Brésil Si doré qu'il failt du reste De l'univers un exil.

E' curioso verificar que, após a publicação das "Chansons des Rues et des Bois", em que Victor Hugo aludira ao Brasil a propósito de Rosita, novas alusões se encontram nos livros seguintes.

Assim, em "Les Travailleurs de la Mer", publicado em 1866, Victor Hugo escreve em português "macaco bravo", e "macaco barbado", e cita uma lenda brasileira, pormenorizando a situação geográfica do Estado do Mato Grosso.

No mesmo livro faz a seguinte citação fornecida talvez por Dona Rosita: "A Rio de Janeiro, il avait vu les dames bresiliennes se mettre le soir dans les cheveux

de petites bulles de gaze contenant chacune des "vagalumes", belle mouche à phosphore, ce qui les coiffe d'étoiles."

Dizem que morreu há anos, mas nós sentimos que continua a viver entre nós.

Victor Hugo não morreu como não morreram Homero, nem Virgílio, nem Camões, nem Dante, nem Shakespeare.

Um dia, decidindo-se a abandonar o mundo onde levava uma agitada existência de 83 anos, escreveu o seu testamento em que há cláusulas como estas:

"Dou 50 mil francos aos pobres.

"Desejo que o meu corpo seja levado no tumba.

"Recuso a oração de tódas as igrejas; peço uma prece a tódas as almas.

"Creio em Deus."

Feito isto partiu para a Eternidade, tendo o maire de 16.º bairro afixado na porta do poeta finado a seguinte proclamação:

"O mundo acaba de perder Victor Hugo.



"No mundo possuía-o a França, e na França, Paris, onde o grande homem viveu os últimos anos da sua longa vida.

"Habitantes do 16.º bairro: cabe-vos a honra insigne de serdes os primeiros a tratar das suas exéquias. Esta honra partilhá-la-eis amanhã com a Pátria inteira, com tóda a Humanidade. Porém que esta recordação seja imordeiroa e sempre transmitida a vossos filhos, de terem contado Victor Hugo entre os seus hóspedes. Que a sua humilde casa, grandiosa por sua vida, e imortalizada por sua morte, seja para sempre considerada entre nós como lu-

gar sagrado. Não tinha razão o maire do 16.º bairro ao afirmar que o mundo acabava de perder Victor Hugo. O colosso lá viajar pelas regiões sídéricas, mas deixara indicações para serem cumpridas durante a sua ausência.

Lembrem-se de que Victor Hugo deixou escrita esta profecia:

"Um dia, que não virá longe, as sete nações que resumem tóda a humanidade aliar-se-ão como as sete côres do prisma, numa radiante curva celeste. Aparecerá eterno e visível, acima da civilização, o prodígio da paz, e o mundo contemplará, fascinado, cheio de deslumbramento, o imenso arco-íris dos Povos da Europa."

Quando terá realização o sonho do Poeta?

Talvez mais cedo do que muitos pessimistas calculem. E' certo que o homem é o maior perseguidor do homem e que a sua acção combativa o impele para a destruição, na intenção de lançar sobre os escombros que espalhou a obra grandiosa da sua soberania. Mas quando se convencer de que poderá ter essa soberania sem descer à ferocidade e que o próprio visinho será um defensor do seu poder, visto contar com idêntica defesa, então talvez se realize o sonho de Victor Hugo.

Bem que pese aos mediocres, Hugo há de ser sempre o mais belo expoente da Confraternisação Universal.

Foto-símile duma proclamação política de Victor Hugo

VICTOR HUGO.

Victor Hugo na época em que publicou "Nostalgia e Trés"

CANTARES DE JUNHO



Rega bem o mangerico,
P'ra durar todo o verão.
Não lhe dê essa secura
Que tu tens no coração.

Dos cravos do meu canteiro,
O primeiro é para ti.
Um homem dum só amor
É coisa que nunca vi.

Mangericão, mangerico,
Quem te deu tão rico cheiro?
Digam lá o que disserem,
Não há bem como o primeiro.

Se eu fôsse uma borboleta
Ou mesmo uma pobre abelha,
Queria sugar a vida
Na tua boca vermelha.

Amor com amor se paga,
Diz o povo e muito bem;
Mas eu dei-te o meu amor
E tu, a mim, só desdém.

Ês teimoso e eu sou teimosa,
Não me levas a melhor:
Teu amor é flor dum dia,
E é eterno o meu amor.

Um amor até à morte
Eu jurei e tu juraste.
Eu cá vou cumprindo a pena
A que tu logo faltaste.

Andam roídos de inveja
Os cravos do teu craveiro,
Que a tua boca, Maria,
Tem mais côr e melhor cheiro.

Só vemos a côr da rosa
No amor quando começa;
Mas depois são só espinhos,
Que as rosas murcham depressa.

Êste cravo de papel
Diz o que minha alma sente.
É pobrinho como eu sou,
Mas podes crer que não mente.

Viver sempre incompreendida
É da mulher o fadário.
Se tu sabes que te quero,
P'ra que dizes o contrário?

Sabes lá o que é amar,
Tu que ris constantemente!
Juntinhos, amor e dor
Andam no peito da gente.

Quando te falo d'amor,
Dizes que me falta o tino.
Se o meu corpo envelheceu,
Meu coração é menino.

Hei-de saltar a fogueira,
Sem chamuscar o vestido.
Tantas juras me fizeste
E nenhuma tens cumprido.

Vi-te passar da janela
E nem adeus me disseste.
Eu te quero e não me queres,
Não te quis, quando quiseste...

Dizem que vai p'ra o inferno
Quem dá e torna a tirar,
Tu deste-me o teu amor
E já mo queres levar.

A tortura que te espera
Não quero saber, nem sei.
Mas, como quero ir contigo,
Dá-me os beijos que te dei.

Eu também fiz o bochecho,
Por Santo António e São João,
P'ra saber se me querias
E uma voz me disse: Não!

Mas eu não creio nas vozes,
Isso é bom para petizes.
Para mim só são verdades
As mentiras que me dizes!

Aqui tens, ó minha flôr,
Um grilo preso a cantar;
Assim canta o meu amor,
Preso à luz do teu olhar!



Mercedes Blasco.

Festas de caridade

«RÉCITA INFANTIL»

Com grande brilho, realizou-se no teatro Nacional Almeida Garrett, uma nova festa de caridade, cujo produto se destina a favor de várias obras de beneficência patrocinadas pela sr.^a Condessa de Sabugosa e de Murça, cujo programa se compôs de coros, bailados, recitações e da representação de uma opereta escrita pela ilustre poetisa sr.^a D. Branca de Gonta Colaço, estando o desempenho a cargo das melhores discípulas do Colégio Parisiense, sendo a encenação da opereta do distinto actor empresário Armando de Vasconcelos, o que é sobejá garantia de êxito.

Almoços

Em honra do ilustre catedrático espanhol sr. Dr. D. Américo Castro, foi oferecido um almoço em que foram convivas as seguintes pessoas D. Francisco Ramirez Montisinos, actualmente encarregado dos negócios de Espanha, em Portugal, Dr. Júlio Dantas, presidente da Academia de Ciências, Professor Dr. Henrique de Vilhena, Professor Dr. Fernando de Vasconcelos, Professor Dr. Queiroz de Veloso, Professor Dr. João da Silva Correia, Dr. Cunha Gonçalves, Dr. Alvaro Lapa, Dr. Marques de Sousa e Dr. Fidelino de Figueiredo.

A sr.^a D. Francisca Peixoto, esposa do ilustre catedrático brasileiro sr. Dr. Afrânio Peixoto, ofereceu um almoço a várias pessoas das suas relações, tendo presidido a ilustre senhora, que tinha à sua direita as seguintes pessoas Conde de São Mamede, D. Margarida de Carvalho da Costa Pinto e Alvaro Teixeira Soares, e à esquerda Rodrigo de Castro Pereira, D. Nahir Bueno do Prado e D. Alzira da Costa Pinto. Em frente tomou lugar o sr. Dr. Adalberto Guerra Duval, ilustre Embaixador do Brasil, em Portugal, que tinha à sua direita as seguintes pessoas Condessa de S. Mamede, Dr. Abelardo Bueno do Prado e D. Pepita Teixeira Soares e à esquerda D. Ana Maria de Barros da Costa Moraes, Dr. Carlos da Costa Pinto e D. Helena da Graça São Mamede.

Casamentos

Na Basilica da Estrela, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Dulce de Figueiredo Pavão, gentil filha da sr.^a D. Adelaide de Figueiredo Pavão e do sr. Artur Miguel Pa-

VIDA ELEGANTE

vão, com o sr. José André dos Santos, filho da sr.^a D. Eugénia de Oliveira Santos e do sr. José Rafael dos Santos.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Angélica Pavão Pereira da Rosa, irmã da noiva e D. Eva Ferreira de Araujo Nascimento e padrinhos os srs. João Pereira da Rosa, ilustre director do nosso colega «O Século» e cunhado da noiva e Jaime Raul do Nascimento.

De damas de honor serviram as sr.^{as} D. Maria Izabel Pavão Lima D. Maria Adelaide e D. Gabriela Segurado Pavão e de caudatárias as meninas Georgina Segurado, Maria da Conceição Segurado Pavão, Maria Eugénia Santos Paradinha, e Maria Raquel Boderino, conduzindo as alianças o menino Henrique Segurado Pavão.

Ao acto presidiu o prior da freguesia da Lapa, Monsenhor Domingos Manuel Fernandes Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Fernanda Sarmento Mira Fernandes, interessante filha da sr.^a D. Margarida Sarmento de Mira Fernandes e do sr. Aurélio de Mira Fernandes, com o distinto engenheiro sr. José Ribeiro de Carvalho e Silva, filho da sr.^a D. Mercedes Ribeiro de Carvalho e Silva, e do sr. Constanção Gabriel da Silva.

Serviram de Madrinhas a mãe do noivo e a sr.^a D. Maria Augusta Santos Fonseca e de padrinhos o pai do noivo e o sr. António dos Santos Fonseca.

O acto religioso, foi celebrado em capela armada na elegante residência dos pais do noivo, sendo em seguida serido no salão de meza, da mesma residência, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para o Palace do Bussaco, onde foram passar a lua de mel. Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Em Vila Nova de Foscôa, realizou-se na igreja matriz, o casamento da sr.^a D. Elisa Angélica de Campos Henriques Salgado de Andrade, gentil filha da sr.^a D. Adelaide de Campos Henriques de Andrade e do sr. Dr. Carlos Alberto Salgado de Andrade, já falecido, com o tenente de artilharia de montanha sr. António Pedro Saraiva.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência da mãe da noiva, seguindo os noivos para Viseu, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Para seu sobrinho o sr. António Marques da Costa, filho da sr.^a D. Rosa da Conceição Marques da Costa, já falecida, e do sr. Raúl Marques da Costa, foi pedida em casamento pelo capitão sr. Carlos Augusto da Costa, a sr.^a D. Umbelina de Pinto Santos, interessante filha da sr.^a D. Gracinda de Pinto Santos e do nosso colega do jornal «A Voz» Martins dos Santos.

— Na igreja do Patrocinio, realizou-se o casamento da sr.^a D. Gabriela Mesquita de Castro Cabrita, gentil filha da sr.^a D. Amélia Mesquita Castro Cabrita e do coronel sr. António Santana Cabrita, com o sr. Dr. Rodolfo Bacelar Begonha, filho da sr.^a D. Maria Amélia Guimaraes Begonha e do capitão sr. Rodolfo Begonha.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria do Ó Guimaraes e padrinhos o pai da noiva e o sr. Fernando Bogonha.

Presidiu ao acto o reverendo Boavida, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia das Mercês, o casamento da sr.^a D. Maria Alice de Sá Nogueira, interessante filha da sr.^a D. Adelina de Sá Nogueira e do sr. Aníbal de Sá Nogueira, chefe de secção da 9.^a vara do Tribunal de Lisboa, com o sr. Eurico Pinto Ozório, filho da sr.^a D. Feliciano Pinto de Sampaio e Melo e do sr. Maximiano Xavier Ozório, já falecido.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo coronel sr. António Pinto de Sampaio e Melo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Aurea», seguindo os noivos depois para o Palace do Buçaco, onde foram passar a lua de mel, partido de ali para o Palace da Curia e Astoria, de Coimbra.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na capela de Nossa Senhora das Dores, o casamento da sr.^a D. Ema Vidal Curado, gentil filha da sr.^a D. Maria Rosa Vidal Curado e do sr. José Jacinto Curado, com o sr. José António Torrão Júnior, filho da sr.^a D. Cristina Torrão e do sr. José António Torrão.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Alice Vidal Guerra e D. Emília Torrão, e padrinhos os srs. Salomão Lopes Guerra e dr. Artur Duarte.

Presidiu ao acto o reverendo Francisco, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos padrinhos da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles».

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Foi pedida em casamento para o sr. Fernando de Lemos e Figueiredo Garcia, filho da sr.^a D. Maria Augusta de Lemos Figueiredo Garcia e do sr. Eduardo Tito de Assis Garcia, a sr.^a D. Maria Henriqueta de Lemos e Figueiredo, interessante filha da sr.^a D. Virgínia de Lemos e Figueiredo e do sr. Leonidio Augusto de Lemos e Figueiredo, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente mês.

Baptizados

Na Basilica da Estrela, realizou-se o baptisado da menina Maria Etelvina, gentil filhinha da sr.^a D. Maria Helena de Carvalho Moraes Cardoso de Menezes e do sr. Henrique de Melo Breyner Cardoso de Menezes (Margaride), tendo servido de madrinha, a tia paterna sr.^a D. Francisca Maria Ana de Melo Breyner Cardoso de Menezes (Margaride), e de padrinho o tio paterno sr. José Júlio de Carvalho Moraes.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o baptisado do menino Carlos Alberto, interessante filhinho da sr.^a D. Alexandrina Xavier da Silva Loureiro e do sr. Darlindo dos Santos Loureiro, tendo servido de madrinha Nossa Senhora do Rosário de Fátima, tocando com a corôa, a sr.^a D. Lívia dos Santos Loureiro, e de padrinho o sr. D. Alberto de Velasco y Méra.

— Em Beja, realizou-se na paróquia do Salvador, o baptisado da menina Maria, gentil filhinha da sr.^a D. Orminda Fernandes Costa Pereira e do sr. dr. Ciriaco Aníbal Pereira, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Antónia Fernandes Costa e de padrinho o capitão sr. José Augusto Pereira. Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da recém-baptisada, um finíssimo «chá».



Casamento da sr.^a D. Francisca Bonito Brito Garcia com o sr. Venceslau Alves Sarmento, realizado na paróquia de S. Sebastião da Pedreira. Os noivos, com os convidados, à saída da igreja.

D. Nuno.



É preciso que todos se convençam que a família é tudo e que por muitos amigos que tenhamos, nunca devemos esquecer os nossos, aqueles que são da nossa família, quer dizer do mesmo sangue e a que nos devem ligar os mesmos interesses de ordem moral ou material.

A mulher cumpre esse papel de fazer a ligação na família. A esposa, a mãe, que soube ser no seu lar o centro da família, que soube impor sem violência, o máximo respeito ao marido e aos filhos, que os soube unir e confundir no mesmo afecto, fazendo com que entre si, se estimem, pode dizer a terminar a sua vida, que cumpriu a sua missão neste mundo, a mais bela missão a que uma mulher pode aspirar.

A mulher tem a obrigação de inculcar aos que a rodeiam o amor entre si, a união de todos os que pertencem a uma mesma família, que lhe deve merecer todo o afecto.

Não quer isto dizer que devemos viver fechadas dentro da família, sem amigas e sem interesses pelas outras. Muito ao contrário, devemos ter as nossas amigas, os nossos afectos, mas a tudo devemos sobrepor o interesse da família. Na assistência é também na maior utilidade que se faça bem à família não a desagregando mandando filhos para asilos e pais para casas de caridade, fazendo perder o amor entre si aqueles que a vida se deviam estimar numa completa e perfeita união.

Há muita gente que ignora por completo a obrigação que há para com os nossos, e, não é por mal, pois são muitas vezes almas caridosas, que se desvelam com os estranhos, se sacrificam pelos pobres, esquecendo pessoas bem perto de si que necessitariam do seu carinho e do seu auxílio. É preciso modificar pela educação esta maneira de pensar e de proceder que prejudica a união da família. Deve ensinar-se às crianças a assistência aos velhos e aos doentes em geral, mas sobretudo aos que vivem debaixo do mesmo tecto, aos que lhes pertencem pelos laços do parentesco.

Nunca atirar com os doentes para hospitais, com os velhos para asilos, quando não haja a justificar esse procedimento, a miséria, ou o perigo de contágio em caso de doença.

O papel de enfermeira, de doentes e velhos, incumbe à mulher. É pois a ela que se dirige estas palavras, e, estou certa que compreendendo o seu grande papel na reforma de costumes, a mulher portuguesa, tão afectuosa e sentimental, voltará às suas antigas tradições de vida de família e afecto, e, compreenderá que trabalhando pela união e felicidade familiar é mil vezes, mais moderna e interessante, do que fumando "cigarretes", pelos "halls", dos hotéis, desperdiçando a sua vida numa triste, e repulsiva inutilidade.

PÁGINA SFEMININAS

A mulher pode e deve ser elegante mas nunca esquecer o seu grande papel na família, o lugar que lhe compete e que a faz brilhar, no conjunto das suas mais belas e solidas qualidades, aquelas que a tornam indispensável e querida dos seus.

Maria de Eça

A Moda

VARIANDO sempre ela traz-nos repetições, mas que importa se as consideramos sempre belas, quando apparecem e se as desdenhamos, quasi ultrajamos, quando elas passam e já não interessam. Não há nada que resista à crítica daquelas que com mais entusiasmo a adaptaram-passados uns anos.

Em tudo pensamos assim. No penteado é agora mais fácil de verificar esta verdade. Quando começou a moda do cabelo cortado, não havia vantagem que se lhe não encontrasse. Era cômoda, era agradável, era prática, ficava bem, rejuvenescia, agora mudam as coisas.

Afinal não era tão prática como isso. Era preciso ir ao cabelcreiro todas as semanas para ter a cabeça bem tratada, era necessário rapar a nuca continuamente o que é impossível com a permanente, lá se iam os resultados de tantas horas de tortura, por água abaixo.

E o cabelo cresce e os mais complicados penteados vão apparecendo. Damos hoje uma gravura que representa um lindo penteado para a noite. De difícil execução, com as suas pastas, os seus rolos e caracóis e lindamente rematado por um diadema em brilhantes.



Este novo penteado vai dar grande alegria às senhoras que possuem joias antigas, de família, e que não podiam usar os seus diademas porque os cabelos curtos lho não permitiam.

Como modelo de vestidos temos uma grande novidade de Marcel Rochas, a mistura de dois tecidos de desenho e cor diferente. Um vestido em setim e veludo formando riscas e tecido; guarnecido por um casaco cuja gola e aba inteira são em forma de "godets", em seda branca com desenhos pretos. É uma "toilette" duma grande originalidade esta criação de Rochas porque nos traz, não só o contraste das cores que já foi muito usado, mas também o dos desenhos e esse é que é absolutamente novo e vai ser muito apreciado pelas adoradoras de novidades.

Para jantar, uma simples "toilette" em "crêpe" frisado, "wimpimés", fundo branco com desenhos em "grisés" e vermelho, tem uma forma muito nova e original. Na frente sobe até ao pescoço onde acaba com uma gola franzida, género "truche", as costas bastante decotadas ficam quasi despidas. É abotoado na frente com botões em veludo vermelho rabi, sendo o cinto do mesmo tecido. Usado por Sílvia Sidney tem a graça que lhe empresta a linda "estrêla". São para notar as joias que o acompanham e que dão a nota rica.

O alfinete pregado no peito é rico e duma



forma moderníssima, como modernas são as pulseiras, mas o que tem verdadeira novidade é a "barrete" em brilhantes, que guarnece o penteado, duma tão grande simplicidade, que faz lembrar as cabeças das colegiais de há quarenta anos, com a sua franja frisada na testa e a trança enrolada na nuca. Para resistir a essa simplicidade é preciso ter a beleza da jovem artista.

Vestido de primavera em "crêpe de chine" fundo vermelho escuro e bolas brancas, de saia e casaco, o casaco "trois quarts" é forrado da mesma seda da blusa, seda branca com pintas vermelhas, a gola é formada por uma "écharpe" da mesma seda presa por um broche em granadas.

O chapéu é da mesma seda. A guarnição em pele pode ou não usar-se, é formada por uma tira de peles e duas enormes dragonas em rajosa "argentée" que se enfiam sobre o casaco e dão muita originalidade alargando muito os ombros, no sentido moderno. Carteira em pelica vermelha com fecho em metal. É uma graciosa "toilette", que as meninas na flor da mocidade podem escolher e usar todo o verão porque é prática, com o sistema de blusa e casaco.

Receitas de cosinha

Ganso à moda de Poitiers: Esta receita é dedicada às leitoras da provincia que têm na sua capoeira os bezinhos gansos tão apreciados nos países nórdicos e que ali substituem o peru nas festas de Natal.

Matar um ganso novo do péso de três quilos, e, fazê-lo dourar em manteiga ou na própria gordura derretida, numa caçarola.

Picar muito fino cebolinhas pequenas, dois dentes de alho, (alho doce). Juntar estes ingredientes ao ganso, fazer dar algumas voltas durante dez minutos, depois deitar-lhe um litro de vinho branco seco, seis horns tomates frescos cortados em bocados grandes. Um ramo de salsa, sal e pimenta, meter no forno brando e deixar coser até as carnes se despegarem dos ossos (pouco mais ou menos cinco horas).

Pôr os bocados de carne numa terrina cobri-la e conservá-la quente, reduzir e engrossar o molho até ficar consistente desengordurá-lo e deitar um cálice de aguardente. Fazer coser novamente, tirar o ramo de salsa e deitar sobre as carnes do ganso. Servir a ferver.

De mulher para mulher

Aida: Tem toda a razão de querer a sua filhinha encantadora no dia da



sua primeira comunhão, mas nessa festa toda a simplicidade, não se vestem as crianças de seda. Um gracioso vestido em "organdi" branco, a touca em (olhos plissados com rendinhas, um grande véo em "organdi" e pode crer que ela estará mais graciosa do que com as mais ricas sedas.

Confiança: E se na sua idade o não fosse é que seria para admirar.

Faça o curso de engenheira agrônoma tem muita razão em o querer fazer, para poder tratar das suas propriedades. A sua carta faz-me crer que pôde ser confiante, porque pôde ter confiança em si própria. Esse curso ser-lhe-há muito mais útil que o de letras.

Bêbé: Não me admira que a não tome a sério visto que é bêbé. Não faça nada disso, uma rapariga nunca se deve manifestar: primeiro, é uma falta de dignidade e por muito moderno que esse rapaz seja, faz má ideia da rapariga, que assim procede. Não creia nos conselhos das suas amigas, que serão depois as primeiras a rirem de si.

Costumes

Uma senhora inglesa passando por Constantinopla à procura de móveis antigos, turcos, chegou à conclusão que é quasi impossível obtê-los e, que a sua rica coleção de móveis, teria de passar sem eles.

Foi lhe então dito que os verdadeiros turcos, não tinham móveis. Numa verdadeira habitação turca mesmo rica, pôde haver maravilhosos tapetes "divans" circundando as paredes com muitas e belas almofadas, ricamente forradas, à porta um lindo e bem adornado cabide para o turbante. As paredes turcas, apaineladas em madeira esculpida. Uma mesinha com o necessário para fumar está no meio do tapete.

Os ricos não comem à mesa. Sobre um tamborete de prata, o servo coloca uma bandeja de prata enfiada, sobre a bandeja os pratos do mesmo metal.

Para comer ajoelham o mais comodamente que podem em volta do tamborete e servem-se. Os costumes variam de país para país.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Moossilábico, de Miguel Caminha.

APURAMENTOS

N.º 26

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

VIEGA

N.º 12

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILENO

N.º 10

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 2, Jobema; n.º 7, Anastácio

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifreadores da totalidade — 12 pontos:
Frá-Diávolu, Cantente & C.^a, Gigantezinho,
José da Cunha, Só Lemos, Fan-Fan, Alfa-
Romeo, Silva Lima

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 10. — Lamas & Silva, 10. — Sonhador, 10. — So-Na-Fer, 8. — João Tavares Pereira, 8

OUTROS DECIFRADORES

Dona Dina, 5. — Aldeão, 4. — Lisbon Syl, 4

DECIFRAÇÕES

1 — Sapa-pato-sapato. 2 — Domina. 3 — Mandolina. 4 — Fadário. 5 — Generoso. 6 — Alonga-aga. 7 — Labuta-lata. 8 — Boceta-bota. 9 — Tafiá-taa. 10 — Tralhoada. 11 — Gentil-gentio. 12 — Morra Marta, morra farta.

TRABALHOS EM PROSA

NOVISSIMAS

1) No «fatos» que tenho na arribana trago uma variedade de péra. 2-2.

Lisboa *Aço (T. E.)*
(Ao El-Magrito)

2) O cascalho neste «fluido» faz retumbar. 2-1.
Coimbra *Galhardo (C. C. C.)*

3) Atenção! Entre nós é preciso haver bom senso. 2-1.

Leiria *Kábula*

4) Ele puxa os pacotes por meio dum instrumento de extrair balas. 2-2.

Lisboa *Piroca*

5) «Notas» que, para melhor conseguir os seus intentos, torna-se muito amável o ratoneiro. 1-2.

Lisboa *Piolim*

6) Procuro corromper «um» pérfido. 4-1.

Lisboa *Reinadio*

7) A mulher que não vê tem espírito, mas fala inconscientemente. 2-2.

Luanda *Ti-Beado*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 35

(Ao mui glorioso Ti-Beado)

8) Os molejos indirectos foram acompanhados *com* um gracejo satírico. 1-1.

Lisboa *Vidalegre (S. G. L.)*

SINCOPADAS

9) Encovalha, «mulheres!» 3-2.

Lisboa *Antolino (S. C. L.)*

10) É naquela abertura que guardo o meu dinheiro. 3-2.

Lisboa *Ferjobatos*

11) O avarento é pior que um boneco de trapos. 3-2.

Coimbra *Leinad (C. C. C.)*

12) Comi o bocado de pão que estava no saco de peles de animais. 3-2.

Leiria *Magnate*

13) É insensato quem no inverno espera calor. 3-2.

Lisboa *Márius (T. E.)*

14) Éste mariola é o seu irmão? 3-2.

Lisboa *Miido @ Graúdo*

15) Neste «mês» prendo o meu cão por causa da raiva. 3-2.

Lisboa *Nêné*

16) A mulher de costumes fáceis ainda se torna mais reles quando bebe vinho. 3-2.

Lisboa *Só Darco Jr.*

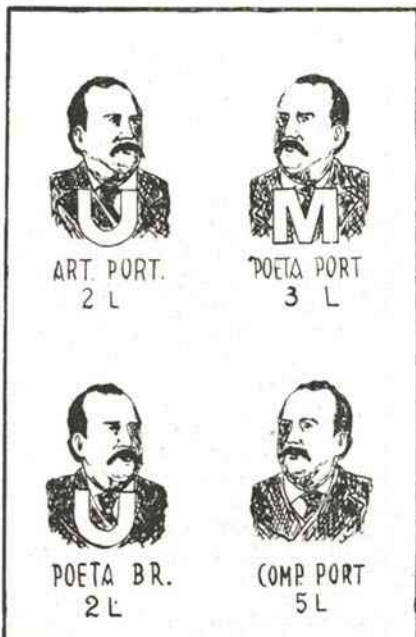
17) A pessoa morta fica perto do outro mundo. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

TRABALHOS DESENHADOS

ENIGMA FIGURADO

30



Lisboa *Ferjobatos*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

18) Uma velha corcovada,
Ao ver-me passar na Arcada
Puxou-me p'lo casaquinho;
É com modo delambido
Disse-me assim ao ouvido:
— «Escuta, meu queridinho,
Apaixonei-me por ti,
Vem comigo, vem d'ái...
Eu tenho um bom pé de meia».

Francamente, eu mal ouvi
Falar em massa, parti
Com a velha corcunda e feia.
Mas por fim, ó pai da vida!
Essa velhota atrevida
Não tinha nada de sen!...
Dei-lhe quatro safanões,
Dois valentes bofetões
É corri com o camafeu.
Depois lá veio a polícia,
Mas eu com certa perícia
Pus-me a andar, raspei-me a cla.
É assim fiz ver à velhinha
Como lhe ficou carinha
A sua grande esparrela.

Biscaia, Alb.-a-Velha *Olegna*

19) Com duas letras
Ambas consoantes,
Se descobre a intriga
De muitos farsantes.

Luanda *Ti-Beado*

MEFISTOFÉLICAS

20) Ladra o cão raivosamente,
O luar invade o chão,
Corre o «rio» velozmente,
Em grande palpação. (2-2) 3.

Lisboa *So-Na-Fer*

NOVISSIMAS

21) Jacob vivia assim: sómente para ela,
Apenas para amá-la, em segrêdo e sem vê-la,
Sem vê-la, quanto qu'ria, ou quanto lh'o pedia
O coração amante, envolto p'la poesia!
Era um amor sem esperança aquele seu amor,
Aquele amor profundo — amor de sonhador!
Mas, nada conseguia apoucar ou ferir
Seu inato valor, seu primevo sentir...
Nem sequer a pobreza a sua pecunia, — 1
Os ciclones de dor que em si vibrar sentia
P'la indiferença dela e nenhuma atenção;
Nada entibeava, em suma, essa infrene paixão!...
E, o seu querer ligar, ao Bem que idolatrava,
A sua pobre vida, inda mais redobrava, — 1
Mais, muito mais ainda! — ao ver que a utopia
Simbolizada, então, do seu amor se ria...
Jacob vivia assim. — Os dias transcorriam
E êsses dois corações não se compreendiam...
Dir-se-ia estar na mesma, após transcurso tempo,
Que quando iniciou, por mero passatempo,
O seu curso amoroso — esporádico evento!
Tudo estava na mesma: inda era fraco vento
O que a moura lhe dava — isto se algum lhe dava!
Pois me quer' parecer que nem brando so-
prava... —

Porém, um belo dia... é sempre assim .. de [resto]

Não há mal duradoiro, isto é bem manifesto!
— Ela notou o pobre e sorriu-lhe amorosa,
Olhou-o interessada, afável, querençosa...
Bastou isso, — oh milagre! — um leve e jando [olhar]

P'ra que ela lhe dissesse, afim, que o qu'ria amar!
V. Silva Porto-Biê *Efonsa*

22) Entregue a lôrça ao trabalho — 1
Não se ponha a olhar não! — 1
O ócio é um pecado
O trabalho obrigação.

Macedo de Cavaleiros *El-Rei Gomes V*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A EXPOSIÇÃO ARNALDO RESSANO



ARNALDO Ressano o grande artista que todos devem conhecer e admirar, inaugurou, há dias, uma exposição de caricaturas que constituiu um autêntico êxito.

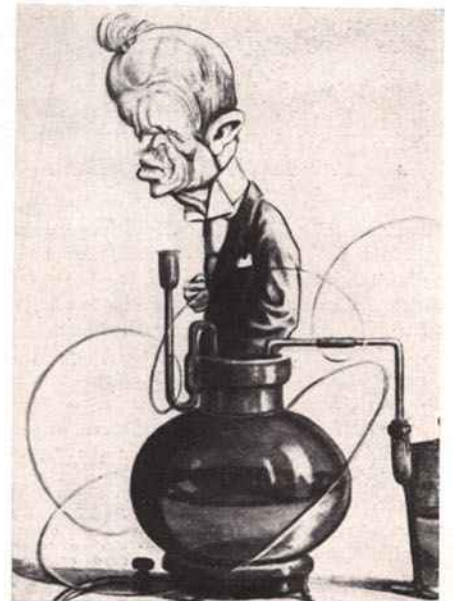
Os trabalhos expostos não carecem de legenda. As individualidades focadas apresentam-se tão fragrantemente que falam por si.

Damos, como amostra, as caricaturas de Rocha Martins, Carlos Malheiro Dias e o professor Aquiles Machado.

Digam-nos agora com a maior franqueza: quando tiverem ocasião de admirar um melhor artista neste género? Desenhando primorosamente, tem a fina graça do humorista e a crueldade do "portrait-charge". E, no entanto, não ofende. Os caricaturados, ao sentirem-se apanhados pelo lápis do artista, sorriem e balbuciam: — Tem muita graça!



Nós juntaremos:... e muita verdade! Recordamos ainda os tempos de Rafael Bordalo, de Celso Herminio e encontramos, em dado momento, com o nosso querido Valença. Era o que nos restava. Felizmente apareceu um novo grande artista. Felicitamo-lo e felicitamo-nos pela satisfação que nos deu... e há-de continuar a dar-nos, se Deus quiser.



MARAVILHAS DA MEDICINA

O veneno das serpentes

pode ser utilizado como remédio de algumas doenças

Tudo parece indicar que o veneno das serpentes está destinado a representar um papel importante na terapêutica moderna. No fundo, nada tem de extraordinário o facto de se empregar uma substância tóxica no tratamento de doenças. A maior parte dos remédios são venenos, e o seu efeito benéfico depende do doseamento.

É muito antiga a idéia de utilizar os venenos segregados por alguns répteis. Já no tempo dos faraós egípcios se aproveitava a carne da cobra para fazer remédios contra a lepra. E no século XVIII, a víbora teve numerosas aplicações na farmacopêia.

Só nos últimos anos, porém, a ciência se ocupou do problema e os sábios procuraram determinar a acção fisiológica desses venenos. Os primeiros resultados foram animadores porque conduziram à descoberta de soros preventivos e curativos do envenenamento causado pela mordedura da serpente.

Não ficaram, contudo, por aqui as revelações que o estudo sistemático dessas substâncias devia trazer. Algum tempo depois começavam a registrar-se efeitos imprevisíveis na marcha de certas doenças após a inoculação de venenos de répteis atenuados ou em doses mínimas.

Deve notar-se que a acção curativa de alguns desses venenos já era conhecida de longa data, sob uma forma empírica. Em 1855, o dr. Telephe Demartis registou o caso dum marinheiro que desembarcou em Bordeus com sintomas incontestados

de resultados notáveis, outros há em que não manifesta acção sensível. Além disso, as melhoras são por vezes imediatas e noutras ocasiões só sobrevêm ao fim dum prolongado tratamento. As causas destas variações não são ainda conhecidas e é sobre elas que incidem especialmente as observações dos fisiólogos.

A mais sensacional aplicação que se procura dar ao veneno de cobra é, sem dúvida, a de específico contra o cancro. Sobre este assunto as opiniões dos médicos estão porém muito divididas. Grande número de comunicações rela-

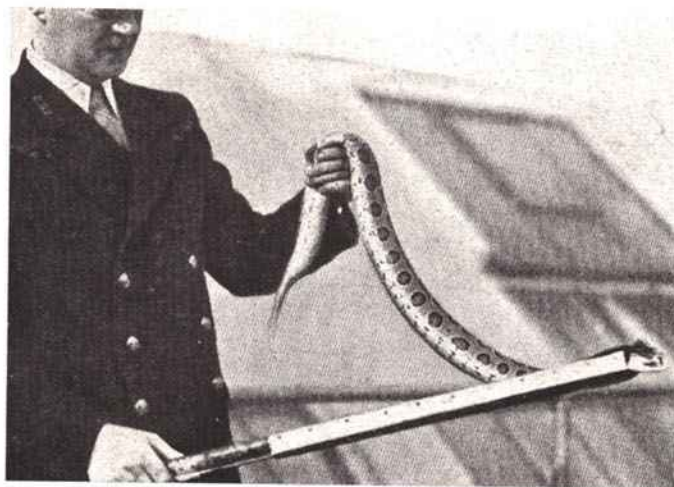
Uma descoberta notável há, já, no entanto, a registar. Trata-se do específico para o tratamento da hemofilia que consiste no veneno duma certa espécie de víboras. Como se sabe, a hemofilia — doença que ataca de preferência os membros das casas reinantes pela repetição de cruzamentos entre parentes — consiste na perda do poder de coagulação por parte do sangue. Ora o veneno em questão possui em alto grau propriedades hemostáticas que se manifestam mesmo quando inoculado em dissolução de 1/10.000, o que o torna um elemento precioso na luta contra o terrível mal.

Além disso, a ciência regista diversos casos que, embora não tenham por ora explicação satisfatória, animam no entanto os especialistas a prosseguirem nas suas pesquisas.

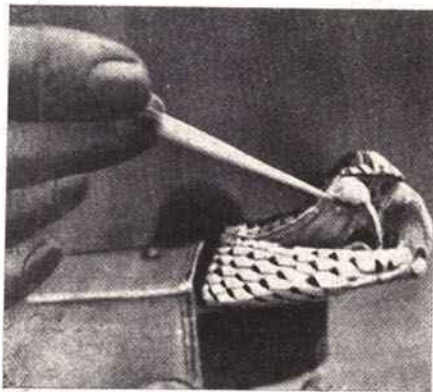
Um ponto parece poder-se considerar assente. É que alguns venenos de serpente, convenientemente dosados, podem substituir em certos casos a morfina e outros estupefacientes no sentido de minorar o sofrimento dos doentes atacados de determinadas lesões cancerosas ou da lepra. Uma das vantagens desta aplicação do veneno de serpentes e que a dose a empregar não precisa ser progressivamente aumentada.

É curioso notar que o veneno não representa apenas, para o animal que o segrega, um elemento de defesa. Desempenha também funções ainda mais importantes no organismo do réptil, como sejam as de facilitar a digestão e regular a circulação sanguínea.

A terapêutica dos venenos oferece, pois, um vasto campo de experiências que pode reservar-nos grandes surpresas.



Como se maneja uma serpente no laboratório



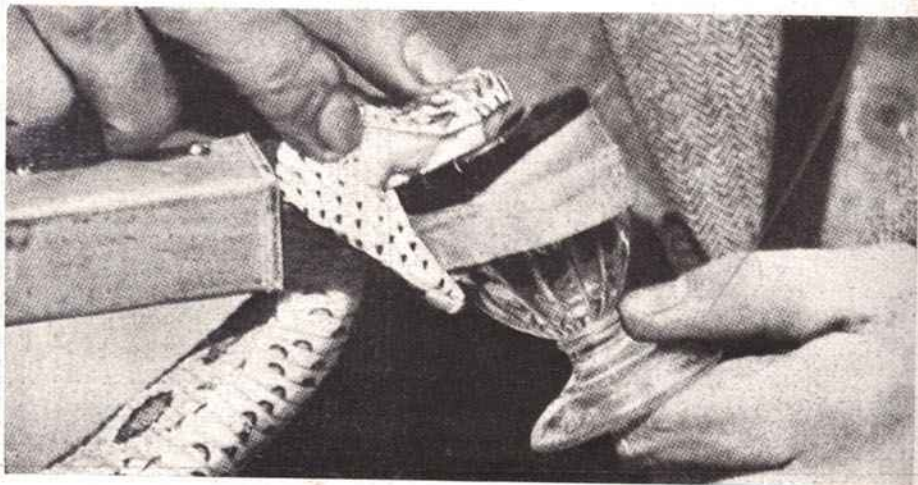
A cabeça duma cobra mostrando os dentes que inoculam o veneno



A substância tóxica depois de reduzida a cristais

de *côlera-morbus*. Foi internado no hospital daquela cidade em estado desesperado. Um oficial de bordo, que também tinha sofrido da mesma doença, insistiu para que se tentasse a cura por meio da picada dum escorpião. Dizia ele que fora a esse tratamento, aplicado por uns indígenas, que devia o ter-se salvo. Os médicos consentiram e o doente recebeu duas picadas no braço. Começou logo a melhorar e, em breve, os médicos foram forçados a reconhecer que estava completamente curado. Há que acrescentar que o efeito dos venenos varia de indivíduo para indivíduo. Assim, ao passo que em certos casos o tratamento por esse processo pro-

Forçando uma serpente a morder sobre um copo recoberto de borracha para se recolher o veneno



A MORTE DUM PATRIOTA

Os funerais do Marechal Pilsudski

constituíram uma imponente manifestação do sentimento do povo polaco

testavelmente um desses homens, porque pondo toda a sua energia ao serviço dos ideais patrióticos, soube conduzi-los a bom destino e criar um Estado que — ao contrário de todos os que saíram do Tratado de Versalhes — não é uma abstracção política, mas uma realidade insofismável.

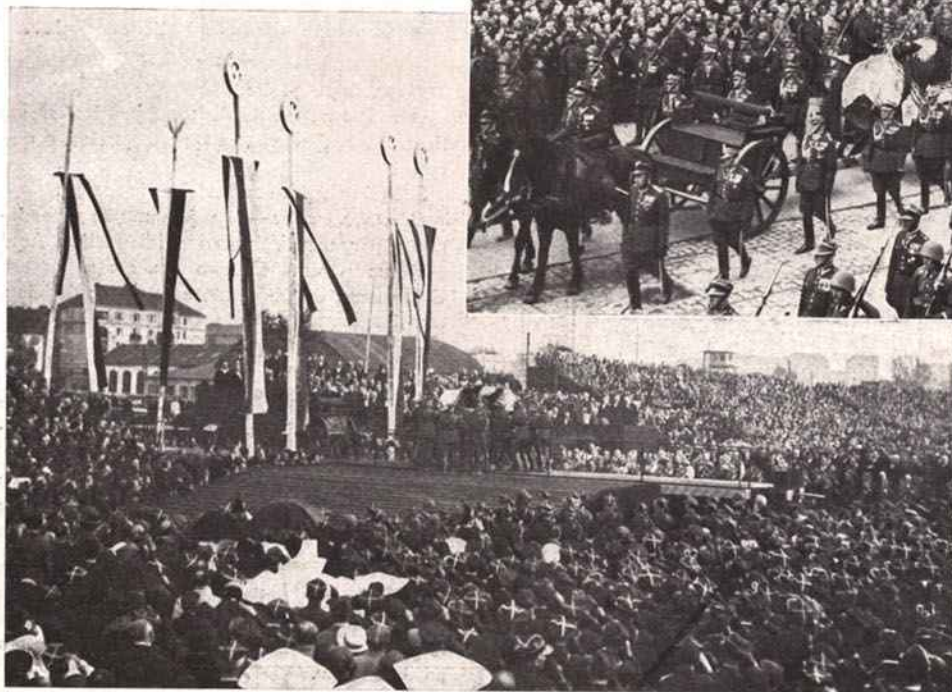
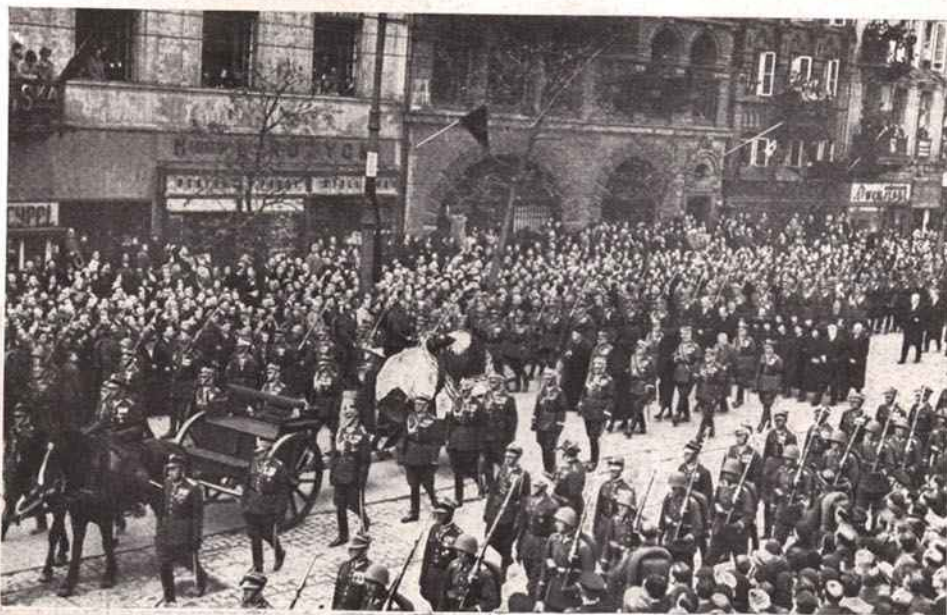
Em volta da urna de Pilsudski uniram-se, portanto, num mesmo sentimento de saudade e respeito, todos os polacos, sem distinção de credos. E' que, embora o velho marechal na sua accidentada carreira tivesse encontrado inimigos políticos, no plano nacional estava acima das divisões de partidos. Era o símbolo da própria Polónia, a incarnação do seu nobre ideal de independência.

Os funerais de Pilsudski, de que damos nestas páginas, alguns aspectos fotográficos, revestiram por todos estes motivos um empolgante carácter



A Polónia acaba de sofrer a dor de ver morrer o homem a quem deve a sua existência de país livre. Na noite de 12 para 13 do mês findo, no próprio momento em que se comemorava o 9.º aniversário do seu golpe de Estado, o glorioso Marechal Pilsudski sucumbia à grave doença que há longo tempo o torturava.

Nesse transe doloroso, o povo polaco derramou lágrimas de dor sincera, como só raros homens podem merecê-las da multidão dos seus compatriotas. Mas Pilsudski era, incon-



de grandiosidade. Neles se incorporaram representantes de grande número de países e entre as delegações de maior relevo figuraram a França, composta por Laval e pelo marechal Petain, e a da Alemanha em que tomava parte o general Göring.

Satisfazendo os desejos do falecido, foi o corpo transportado para Cracóvia onde ficou depositado numa das criptas do castelo de Warvel, espécie de Panteão dos reis e príncipes da velha Polónia. A passagem do cortejo fúnebre, tanto em Varsóvia como em Cracóvia, foi presenciado por uma multidão de centos de milhar de pessoas, que prestaram ao seu velho marechal uma homenagem suprema de saudade e admiração.

Palavras cruzadas

(Solução)

A	S	P	I	D	E	G	A	L	A	P	O
X	O	S	I	R	O	O	L	Z			
O	B	E	L	O	S	A	L	I	V	I	O
R	A	I	A	S	R	A	R	E	A	R	
C	R	O	M	I	L	O	L	L			
A	L	O	P	A	R	I	S	A	B	A	
U	B	A	R	D	A	R	O				
V	A	Z	O	I	D	I	O	C	I	A	
A	A	P	A	I	A	P	A	R			
L	I	G	A	S	U	L	A	V	A	R	
E	R	A	R	I	O	L	A	P	A	R	O
T	L	A	B	O	I	E	L	I			
A	V	A	R	I	A	O	R	L	A	D	O

A estrêla e os cubos

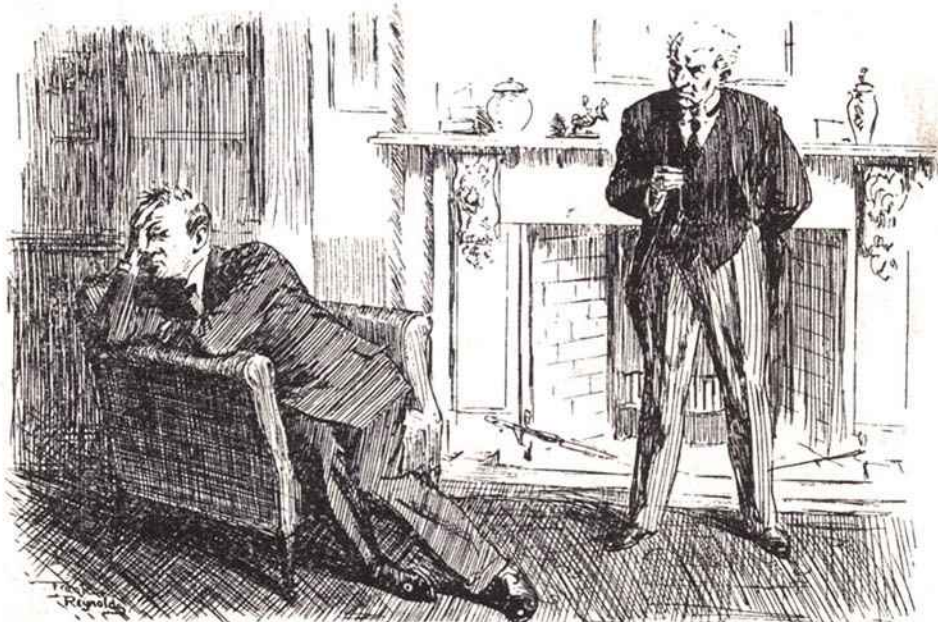
(Passatempo)

Com doze fósforos, ou palitos, forma-se sôbre uma mesa uma estrêla de seis pontas. Isto é cousa que qualquer pode executar sem dificuldade alguma. Porém o mais difícil e o que constitue exclusivamente o problema, é construir três cubos sem fazer outra cousa que não seja acrescentar mais doze fósforos, ou palitos, e isto sem variar em nada a posição dos doze primeiros.

Eis todas as condições do problema; falta apenas resolvê-lo.

Em Inglaterra, a *London North Easter Railway*, que faz serviço entre Newcastle e Londres, instalou, há pouco tempo, em dois dos seus combóios, um compartimento especial onde os viajantes podem ditar a sua correspondência, por meio dum dictafone, a dactilógrafas especialmente contratadas para esse fim.

Humorismo



Marido (esperando o nascimento do primeiro filho): — Não posso suportar esta ansiedade por mais tempo. Isto acaba por matar-me.
O médico: — Socegue, meu caro senhor. Tenho ajudado a trazer a este mundo milhares de crianças e nunca em tôda a minha clínica, ainda deixei morrer... um pai.

(Do «Punch».)



Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — R., 2.
Ouros — R., 9, 3.
Paus — 10, 5, 2.

Espadas — V. N Espadas — 8, 6, 5.
Copas — 10, 6. O Copas — D., 4.
Ouros — 8, 5. E Ouros — 7, 6.
Paus — V., 8, 3. S Paus — 7.

Espadas — 10, 7, 2.
Copas — 9, 8.
Ouros — D.
Paus — D., 9.

Trunfo é copas. S joga e faz sete vases.

(Solução do numero anterior)

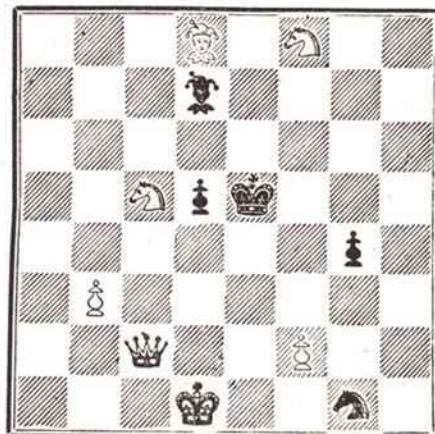
S joga o dez de trunfo, N balda-se aos paus. S joga o Az de espadas e a seguir o Rei de ouros, e O balda-se a uma carta de ouros, sôbre as espadas. E pèga com ouros e torna a jogar o mesmo naipe. S deita o Valete e N cobre com a Dama, jogando a seguir a Dama de espadas. Se E cobrir, S corta e joga a carta pequena de ouros e N fará a sua vasa de espadas.

Xadrez

(Problema por A. Adama)

Branças 7

Pretas 5



Jogam as brancas e dão mate em três lances.

As estatuas em segunda mão

Há uns poucos de anos atraz, a república do Ecuador quiz perpetuar, por meio dum monumento, a memória do seu poeta Olmeda. Como se viu que estatuas mandadas fazer de propósito, eram muito dispendiosas, decidiu-se adquirir uma já fóra do serviço. Depois de várias diligências, foi encontrada em Londres num armazem e comprada, em segunda mão, uma velha estatua de Lord Byron, a qual, hoje, figura em Guayaquil com o nome de «Olmeda», gravado na sua base.

Anedotas

Esquecimento.

- Com que então, seu tio, morreu?
- E' verdade.
- E não lhe deixou nada?
- Nada; nem saudades.

—:—

- Dize, mãã: é verdade que Deus vê lá do céu tudo quanto a gente faz?
- Com certeza, que sim.
- Mesmo quando o céu está enevoado?...

—:—

Na escola primária:

O mestre escola: Se dum número inteiro, eu tirar, um após outro, os quatro quartos, o que resta?

Silêncio absoluto em todas as bancadas.

O mestre escola: — Já vejo que não entenderam a pergunta. Vou-me explicar melhor. Aqui está um pècego. Corto-o em quatro partes. Como uma; depois outra, a segunda; depois a terceira; depois a quarta. O que resta?...

A aula toda, em côro: — O carôço!

—:—

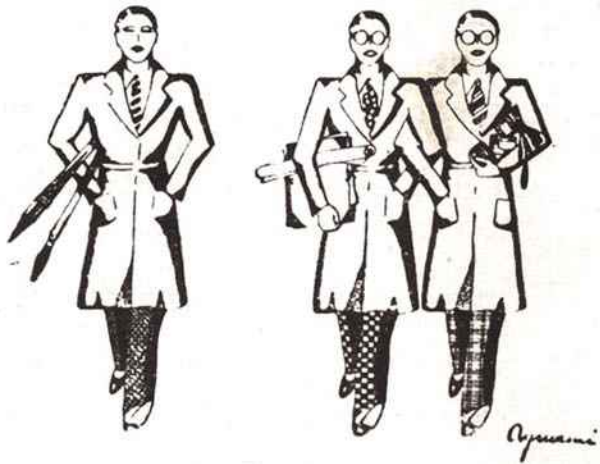
— Minha querida, se eu estivesse longe, muito longe, continuarias a amar-me da mesma maneira?

— Que pergunta! Eu tenho a certeza que quanto mais longe estivesse de mim, mais te amaria! .

Parece ser na Índia que existe o homem mais idoso do mundo: é Braz Gul Khancom com 160 anos. Tem dois filhos, um de 99 e outro de 110 anos de idade.

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Um interessante livro para as crianças

A 2.^a EDIÇÃO
muito remodelada

DO

Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Com ilustrações do insigne artista francês
Benjamin Rabier

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras
no texto, 16 estampas a cores em hors-texte
e capa a cores **15\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

*Um livro patriótico que desperta
nas crianças o gosto pela História.*

Portugueses de outrora

HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

2.^a EDIÇÃO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras
no texto e capa a cores **10\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Accitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Esplêndida edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de Manuel Pinheiro Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio á cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidissimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs, cada, formato 28x19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Júlio Berrilli</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de <i>Júlio Verne</i> . 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Navier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ...	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guíomar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de <i>Rhadameh</i> ; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> , 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas côres; formato 28x19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de <i>Ribeiro de Carvalho</i> , 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a côres, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 154 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guíomar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos « <i>Bartek, o vitorioso</i> » e « <i>Lillian Morris</i> », trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, á cobrança, acresce as despesas que regula cerca de 15 % sobre o valor de cada obra.

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas»—Apêgo à Dôr—Dr. Mendes «Gira»—Feira de Ano—Lúcia—Um sobretudo de respeito!—A paz do Lar—Uma espada... em-bainhada!—O Barboza de Sejins—O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . 12\$00 enc. . . 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

- Sexo Forte** — (2.^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00
- Braz Cadunha** — 1 vol. br. 6\$00
- Entre a ida e a morte** — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Luz perpetua** — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00
- Lingua de Prata** — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00
- Mudança d'Ares** — 1 vol. br. 10\$00
- Por terras estranhas** — 1 vol. br. 4\$00
- Meu (O) menino** — (3.^a edição), 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00
- Manual de Medicina Doméstica**, indispensável em todas as casas (2.^a edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina. 35\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75

LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: *O acordo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO COELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa** (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934). 5\$00
- Trombose das coronárias e infarto do miocárdio** (Estudo experimental e clínico). 30\$00
- O Professor Ricardo Jorge** (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) 15\$00
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia** (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina). 7\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"** e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O JÔGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

DE

JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editores, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**
1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA